

— CADA NUMERO CONTEM UMA OBRA COMPLETA —

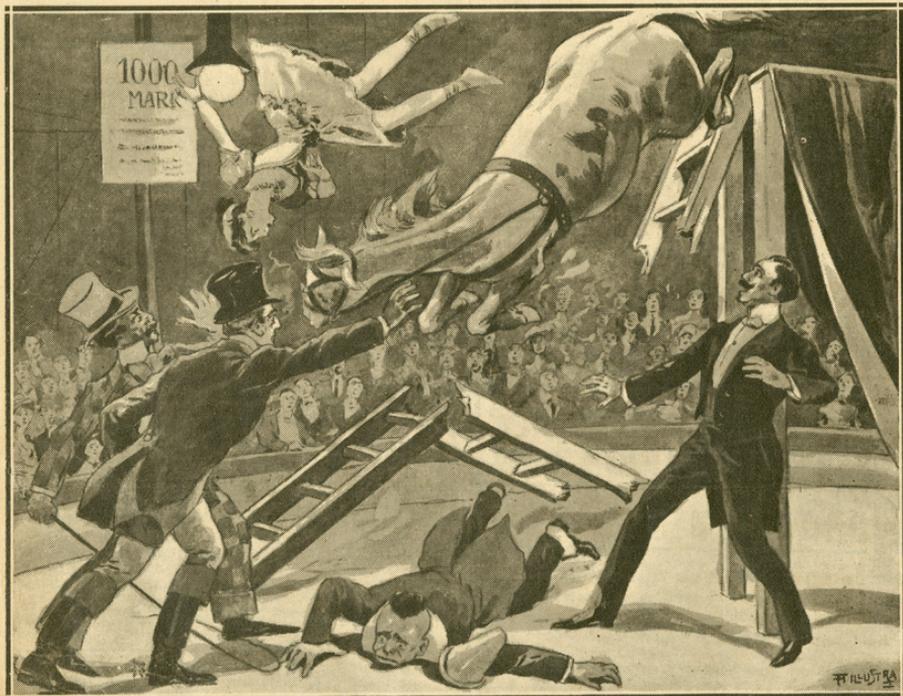
• A NOVELLA POPULAR •

N.º 110



Aventuras extraordinarias  
dum policia secreta

AMOR E ODIO



EDITOR E PROPRIETARIO, E. A. MIRANDA E SOUSA  
COM. E IMP. NA EMP. LUSITANA EDITORA  
C. DO FERREGIAL, 23, PERTENCENTE AO EDITOR

PREÇO  
60  
REIS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
DA NOVELLA POPULAR  
C. DO FERREGIAL, 23, LISBOA

32485-168613

# Encyclopedia Popular

Collecção de obras de vulgarisação  
\* científica ao alcance de todos \*

Vulgarisar todos os conhecimentos humanos em pequenas obras, de maneira a desenvolver nos leitores ilustrados o gosto pelos estudos scientificos, tão necessarios para a educação do povo, eis o fim a que visa esta primorosa collecção, que encerrará verdadeiras obras primas, de vitas ao talento dos maiores escriptores mundiaes.

Está publicado o primeiro volume:

## Como pode acabar o mundo

Segundo a ciencia e segundo a religião

por C. de KIRWAN

Livro de ciencia popularisada, a obra que inicia a série da *Encyclopedia Popular*, tem obtido no estrangeiro o mais colossal dos exitos.

### No preço:

Atravez do Espaço, por Camillo Flammarion  
Os Mundos desaparecidos, por Zaborowsky  
As Estrellas e os cometas, por Secchi  
O Panorama dos Seculos, por J. Weber  
A Intelligencia e o cerebro, por G. Matisse  
Magnetismo e Espiritismo, por G. Danville  
O Alcoolismo e os seus estragos, por Serieux e Mathieu  
A Fisiologia de Espirito, por Paulhan, etc. etc.

100 rs. CADA VOLUME BROCHADO E NITIDAMENTE IMPRESSO 100 rs.

EMILIO GANTE

## HISTORIA POPULAR DA PROSTITUIÇÃO

Desde os primitivos tempos até á actualidade

Acham-se publicados tres volumes

I Obscenidades primitivas—A Prostituição na Antiga Grecia .....	300
II Impudencias de Roma Primitiva—Devassidão dos Romanos .....	300
III Desmoralisação Franceza—Tempos modernos .....	300
No preço:	
IV (e ultimo volume) Tempos modernos .....	300

Um romance completo por

## OS BONS ROMANCES

200 REIS

Publicação mensal de grande formato

==CADA VOLUME CONTEM==  
== 14:00 LINHAS ==  
DE LEITURA EMPOLGANTE

### Volumes publicados:

- O homem das multidões, de Pierre Zuccone.
- O casamento d'um forçado, de A. Bouvier.
- A aposta maldita, por Jules de Gastyne.
- Os Facas d'Oiro, por Paulo Féval.
- As filhas do povo, por Alexis Bouvier.

### No preço:

## A EXPIAÇÃO

◆ Sensacional romance de JULIO MARY ◆

Estes romances, seleccionados com escrupulosa attenção, compoirão uma verdadeira bibliotheca popular de educação.

## 200 OS BONS ROMANCES

Publicação mensal de grande formato  
● REIS ● um bom romance completo

## 100 maneiras de nos defendermos na rua COM ARMAS

200 Rs. 1 volume de 160 paginas, profusamente illustrado, impresso em magnifico papel

## Modern-Bibliotheca

Collecção de romances dos melhores auctoress

◆ ◆ ◆ Edições liguosissimas ◆ ◆ ◆  
com bellas e numerosas gravuras intercalladas  
◆ ◆ ◆ no legio ◆ ◆ ◆ ◆ ◆ ◆ ◆

A *Modern-Bibliotheca* é constituída por edicoes luxuosas e artisticas; e insere as obras primas dos melhores escriptores modernos.

### Volumes publicados:

- I—Ditoso Iar, por Marcel Prévost
- II—Aphrodite, por Pierre Louys
- III—Prima Laura, por Marcel Prévost

500 Rs. Preço de cada volume brochado 500 Rs.

ACD  
823.91  
9588.99  
P47 v.5 no. 110

# Amor e odio

por Conan Doyle

## CAPITULO I

### Um pretendente despresado

O Circo Angelo de Viena, o primeiro da cidade ha muitos annos, estava todos os dias, como se costuma dizer, á cunha.

Estavam, pois, em maré de rosas a empresa e o director pelos grandes lucros que auferiam; os artistas pelos continuados applausos que colhiam, e até o proprio publico sempre satisfeito ao ver o trabalho dos artistas que o deixavam estupefacto ante os difficieis e ariscados numeros que todas as noites executavam.

Sem embargo, não ha coisa por muito boa, que seja, que, repetida muitas vezes, não se torne aborrecida.

Assim succeden no Circo Angelo.

A empresa teve pois de fazer uma grande mudança no programma para que o publico continuasse a frequentar com a mesma assiduidade a serie de espectaculos equestres que haviam de executar-se durante a temporada.

Desvelava-se o director em satisfazer os caprichos da multidão de officiaes de cavallaria que tinham assignatura, e em particular o archiduque Maximiliano, cujo valimento junto do imperador era notorio; e to-

dos sabem que nunca é demais a protecção que nos podem dispensar os grandes da sociedade, e relacionados com a corte.

No numero dos artistas que figuravam na companhia, contava-se uma gentil e formosissima jockey.

O director julgava que sendo este numero rarissimas vezes visto em Viena, não deixaria de chamar a attenção geral e ser muito applaudido, ainda mesmo que a artista não fosse das mais habéis e arrojadas no genero.

E não se enganou: miss Lydia, que assim se chamava a formosa jockey, cada dia era mais applaudida e victoriada.

Para isso contribuia, além dos difficilissimos trabalhos que executava, a elegancia e formosura do seu corpo e as suas maneiras agradaveis e atraentes.

Acabava de executar miss Lydia os numeros do seu programma d'aquelle dia quando se ouviu no circo uma estrondosa salva de palmas; mas a joven artista, bastante fatigada, conservava-se no seu camarim, sem ter animo de sair para agradecer os applausos, que os seus admiradores lhe dirigiam.

N'este momento foi procurar a o director Angelo e disse-lhe entre despeitado e carinhoso.

— Venha, miss Lydia; tem de agradecer os applausos que os vieneses lhe tributam, para que não pareça desdenhar tão captivante acolhimento.

E pegando-lhe na mão, dirigiram-se os dois para o amphitheatro, agradecendo um e outro os applausos que tributavam á linda artista.

O entusiasmo attingiu então as raias do delirio, e nova e estrondosa salva de palmas ecoou no vasto circo.

A aristocracia que, em regra, é tão moderada nas suas demonstrações de approvação, d'esta vez tinha-se levantado e, cansada de dar palmas, saudava a gentil jockey com os seus alvos e perfumados lenços.

Com respeito ao entusiasmo, e guardando as devidas proporções, o circo assemelhava-se a uma praça de touros em Hespanha, quando o publico se acha entusiasmado pelo arrojado trabalho dos toureiros.

—Que lhe parece isto, miss Lydia, disse o director á artista quando se retiraram.

—Nunca na minha vida recebi uma ovação como esta, exclamou a artista.

«Tenho sido ovacionada no Circo de Renk em Berlim e no Circo d'Inverno em Paris; mas o que acaba de succeder-me em Viena ultrapassa todas as aspirações de um artista.

«Os vieneses tem sido da mais captivante gentileza para commigo e nunca esquecerei as noites de gloria que tenho tido.

Em seguida, miss Lydia dirigiu-se ao seu camarim para mudar de toilette e vestir-se com trajes proprios do seu sexo, quando notou que um elegante cavalheiro, que lhe era completamente desconhecido, se approximava do director do circo começando a fallar com elle em voz baixa.

Não ligou importancia a este facto.  
Mudou de facto e saiu do camarim.

Quando se dirigia para o corredor, observou que ainda continuava a conversação entre o director e o desconhecido.

Proseguiu o seu caminho, sem lhes prestar attenção, quando notou que ambos a seguiam apressando o passo.

Já proximo d'ella, o director disse:  
—Queira desculpar-me, miss Lidia.

«Tenho a honra de lhe apresentar o senhor barão de Concourt, que deseja expressar-lhe particularmente a sua admiração.

Em seguida fez-lhe uma ligeira inclinação de cabeça, emquanto o barão se acercava da formosa joven.

Miss Lydia viu que o seu admirador levava um formoso ramilhete de rosas na mão.

—Peço-lhe desculpa, miss, disse o barão em allemão, mas com um pronunciado acento estrangeiro, de vir apresentar-lhe as minhas homenagens em occasião tão inoportuna em que precisa descansar após os violentos e difficeis trabalhos que acaba de executar.

«Pode porem calcular o motivo que me obrigou a dar este passo tão precipitado... queria eu ser o primeiro a apresentar-lhe os protestos da minha sincera admiração e ser igualmente o primeiro a receber o inextimavel favor da sua sympathia...

«Dignar-se-ha aceitar esta insignificancia como prova do meu amor e ternura para comsigo, formosa Lydia?

O lindo rosto da artista tomou a côr do carmin ante os apaixonados olhares do seu inesperado admirador.

Qualquer coisa a strahia para aquelle homem que lhe parecia tão sinceramente apaixonado, mas ao mesmo tempo um repentino presentimento lhe dizia que não o attendesse e se affastasse d'elle, se não queria ser desgraçada. A mulher, julgando-se amada pelos seus dotes pessoaes, dá irreflectidamente o primeiro passo, mas vem vez desilludida, já não pode voltar atraz.

Sem bem saber o que fazia, fascinada um momento por aquelle olhar que a atrahia, estendeu a mão e tomou o ramilhete que o barão lhe offerencia, mas sem proferir uma só palavra.

Vendo que a joven nada lhe dizia, o barão continuou:

—Desejava saber, minha senhora, se quer dar-me o prazer de ceiar esta noite na minha companhia.

A artista approximou-se um pouco mais do barão e respondeu affectuosamente:

—Sinto muito não poder satisfazer o seu desejo, mas já estou compromettida para uma ceia esta noite.

—Desgosta-me muito este contratempo, replicou o barão. Admirei-a tanto no circo!... Acceda ao meu pedido, querida miss!... Abandone esse ar de indifference; amo-a, sinto por si verdadeira paixão. O meu pedido pôde ser para a senhora o principio da sua fortuna; tenho importantes propriedades em Rio Verde, possuo muitos diamantes...

Perante tão deprimentes palavras a joven não sabia que responder; não se atrevia a repellir as malevolas insinuações do brasileiro, mas tambem a sua propria dignidade, e o respeito por si mesma, não lhe permitiam continuar uma conversação que a humilhava.

Após uma breve hesitação, respondeu:

—Queira desculpar-me, cavalheiro: as minhas companheiras e a minha creada esperam-me e não posso perder tempo.

—E não terei o prazer de vel-a ainda hoje? interrogou o barão mostrando se contristado.

—Como lhe disse já, estou compromettida a ceiar com umas amigas esta noite.

—Permitta-me que lhe faça uma pergunta: poderia satisfazer o meu pedido amanhã á noite? disse o barão.

A artista estava entre a parede e a espada; no fim de um breve momento de reflexão, respondeu:

—Creio que entre nós não são permitidas essas relações... além de que nunca ninguém me fez semelhantes propostas...

«Não quero que se falle desfavoravelmente no meu

nome, se se chegasse a saber no circo que eu tinha accedido ao convite do senhor barão.

«Lembro-lhe, cavalheiro, que preso muito a minha dignidade.

—Penso que, apesar das razões que acaba de expôr, são muito tolerantes no circo, disse rindo zombeteiramente o barão.

A grosseria revoltante do barão feriu fundamente o coração da artista; afogou-se-lhe o rosto de ira e respondeu cheia de indignação.

—Engana-se, senhor; conheço muito bem o publico que frequenta o circo e posso afirmar que todos são tão dignos pela sua posição social, como pela sua moralidade.

«Se eu commettesse a menor baixesa; perderia o bom nome que goso e toda a estima que me dedicam.

«Além d'isso, não posso perder tempo.

«Adeus, senhor.

E afastou-se, arrogante como uma rainha offendida, sem se dignar olhar para o seu pretendente.

Este foi seguindo-a alguns passos e disse-lhe:

—D'aqui para o futuro serás mais condescendente para commigo, minha pombinha.

«Julgas que sou como esses pobretões nobres de Viena que só pôdem offerecer-te um ramilhete de flores ou uma coroa de louro?

«Has de convencer-te que o barão de Concourt é conhecido pelo rei dos diamantes. Dentro d'esse ramilhete has-de encontrar uma joia d'alto valor.

«E amanhã virás á entrevista.

Mas a artista sem ligar importancia ás palavras do barão, proseguiu apressadamente o seu caminho sem olhar para elle.

O despresado galan ficou um pouco pensativo e começou a andar de vagar em direcção á sua elegante casa, sem suspeitar que era seguido por um homem alto, fraco, de aspecto energico e grave, já de alguma idade, que o não perdia de vista.

—Estou verdadeiramente satisfeito por tornar a encontrar este homem! murmurou o perseguidor.

«Ha bastantes annos que não o via... de pouco lhe vale o seu disfarce, porque o reconheci perfectamente.

E passou-lhe ao lado, lançando-lhe um olhar penetrante.

—Não me resta a menor duvida, exclamou de si para si, a cicatriz que tem desde o queixo ao nariz, acabam plenamente de me convencer.

«Escreverei a Harry para que mande os signaes d'este homem para os jornaes; d'este modo a policia ficará sabendo quem elle é e onde se encontra.

O barão não demorou muito tempo em chegar a casa; á porta o creado tirou-lhe o sobretudo.

Quando se collocou deante do espelho e alisou o cabello e a barba, perguntou ao creado:

—Vieram algumas cartas?

—Vieram algumas cartas commerciaes, senhor barão.

«Nada houve de notavel durante a sua ausencia.

«O senhor barão tenciona ficar em casa esta noite?

—Porque fazes essa pergunta? exclamou o barão olhando admirado para o seu creado.

—O senhor barão encarregou-me de vender um collar de perolas, disse este.

—Ah! tens razão, exclamou o brasileiro. Em que estado tens a transacção?

—Espero que faremos negocio com o judeu; se não me engano virá esta noite para realizar a compra, disse o creado.

—Que estes condemnados diamantes saiam quanto antes de minha casa! exclamou o barão. Não quero que me atormentem mais; sempre receio que...

E continuou fallando consigo mesmo, enquanto contemplava um retrato que tirara da carteira.

D'ahi a pouco ouviam-se passos no corredor. Isto fez interromper o monologo do barão, que exclamou sobressaltado em voz alta:

—Quem pode vir fallar-me a estas horas? e occultou a photographia.

O creado foi ao encontro do visitante despedindo-o em poucas palavras, porque sabia que seu patrão não queria receber visitas, depois de ter accedido a um objecto que o outro lhe entregou.

—Senhor barão, disse o creado, acabo agora mesmo de receber esta caixa.

O barão abriu-a apressadamente; ao levantar a tampa soltou um grito de ira. Tinha deante dos olhos uma rica pulseira de brilhantes.

—O diabo são as mulheres, gritou o barão.

—Talvez o senhor barão não visse esta carta que acompanhava a caixa, disse o creado entregando-lhe um pequeno sobrescripto que levantou do chão.

O barão rasgou o sobrescripto e leu estas poucas linhas.

«Senhor barão: Não costumo dar presentes a pessoas que não conheço, mas como o senhor teve a gentileza de me offerecer um ramilhete de flores, entendo que devo alterar os meus habitos e offerecer-lhe a inclusa joia. Sem outro assumpto,

Lydia.»

Irado e cheio de despeito arrojou o barão a carta sobre a mesa, exclamando:

—A sorte, que sempre me bafejou com respeito a mulheres, voltou-me as costas na conquista d'esta rapariga; não só a artista me repelle, mas ainda me desolve com esta fina ironia a joia que lhe offereci.

»Não desisto porem do meu empenho... a persistencia é a grande mestra da vida, e o que se não consegue em um dia, consegue-se no outro.

—Peço desculpa ao senhor barão de o interromper, exclamou o creado, mas desejo saber se tambem me auctorisa a entrar em negociações com o judeu para vender-lhe tambem estas pedras preciosas.

«Creio que de hoje em diante não terá muito prazer em as conservar em seu poder.

—Tens razão, João, respondeu vivamente o barão; vende-as quanto antes. Não quero mais vel-as.

Poucos minutos depois dirigia-se o creado levando os volumes com as joias, para o interior da cidade. Tendo chegado a Albrechtsplass, como visse que o judeu não tinha comparecido ainda no logar marcado para a entrevista, começou a passear de um lado para o outro, apparentando a maior indifferença para não despertar suspeitas.

Depois de muito esperar, como visse que o judeu não apparecia, começou a impacientar-se estranhando a pouca pontualidade do filho de Israel.

Quebrava a cabeça em mil conjecturas para adivinhar o motivo da falta de comparencia do judeu.

Quando chegava já ao auge da anciedade, readquiriu a esperanza perdida.

Na obscuridade da rua divisou o vulto de um homem.

Pareceu-lhe que era o judeu.

—Aproximou-se-lhe cheio de esperanza, mas grande foi o seu espanto, quando uma voz desconhecida lhe disse.

—O senhor espera inutilmente; o homem não virá esta noite.

—Então o senhor sabe que espero aqui alguém? perguntou João.

—Certamente, respondeu o desconhecido; de contrario não estaria eu aqui.

—Ah! o judeu enviou-o para que me viesse fallar exclamou o creado.

—Assim é. Portanto poderemos tratar do negocio, se não tem n'isso inconveniente.

—Não tenho inconveniente nenhum, replicou o creado; ha muito tempo que estou esperando inutilmente o judeu e já vejo que não vem. Portanto não se deve offender se não realizar o negocio com elle.

«Mas porque não veio elle?»

«E' realmente para estranhar a sua falta, pois se trata de um bom negocio.

—O senhor ignora que hoje é sabbado, e o seu amigo é judeu? exclamou o desconhecido. Os judeus não negociam nos sabbados; e por isso me pediu que o substituise eu na qualidade de antigo amigo e pessoa de toda a sua confiança.

«Espero que o senhor, dadas estas explicações tenha em mim egual confiança.

João ficou por alguns momentos pensativo dizendo de si para si.

—Este homem parece que fallou com o judeu alguma coisa a respeito do assumpto, posto que não veja bem claro em tudo isto.

«Não tenho nenhum motivo assás forte para davi-da d'elle, mas não será superfluo perguntar-lhe alguma coisa mais.

E olhando para o seu interlocutor, disse-lhe: —E' possivel que a pessoa de quem me falla não seja positivamente o judeu a quem me refiro?

«Como se chama esse seu amigo?

—Essa pergunta não tem razão de ser; quando elle não lhe quiz dizer o nome, é porque teve suas razões para isso, respondeu rindo o desconhecido. Não serei eu que descubra o segredo.

«Ao senhor só lhe deve importar que eu conheça o negocio de que se trata... da parte de um rico cavalheiro.

—Bem, vejo que sabe tudo, exclamou João respondendo desafogadoamente.

E ao dizer isto tirou de baixo do casaco um estojo, que abriu, deixando brilhar as joias á luz do candeieiro de illuminação publica.

O desconhecido mirou-as com a maior attenção, mas fixando-se principalmente no ponto em que estava indicado o nome da joalheria.

—Que lhe parecem estas joias? perguntou João, depois de ter deixado que o seu interlocutor as visse bem.

O desconhecido encolheu os hombros, depois agarrou nas joias, contemplou-as novamente com dobrada attenção, dizendo por fim:

—Mas quem me garante que estas pedras são realmente verdadeiras!

—Acaso pensa que são falsas? replicou João; deve já saber que pertencem ao senhor barão, que passa por possuir os melhores brilhantes.

—E como veio a possuil-os? perguntou o desconhecido.

—Essa circumstancia pouco lhe deve importar, respondeu João altivamente.

«Quer ou não comprar a joia?

—Quanto quer por ella?

—O senhor barão disse-me que a não vendesse por menos de oito mil guildens, respondeu João.

—Não posso comprar-lhe as pedras, replicou o forasteiro; pede muito dinheiro por ellas. Só dou cinco mil guilden; por este peço são minhas.

João estava irresoluto; não se atrevia a voltar para casa de seu amo sem ter realiado a venda.

—Não tem mais nada para vender? perguntou o desconhecido, vendo que João estava pensativo.

O creado tirou então do bolso o estojo da pulseira

devolvida por Lydia ao barão, e abrindo-o, apresentou-o ao seu interlocutor para que a examinasse.

Este olhou com a mesma atenção para o nome da joalheria gravado na caixa da pulseira, que observava como entendedor.

Depois de prolongado exame, disse:

—Dou por ella quatrocentos e cincuenta guldens; não vale mais.

Depois de regatearem mutuamente o preço estipulado, ultimou João o negocio, mas fazendo a seguinte distribuição: quatrocentos guldens para o barão, e cincuenta para elle.

Voltaram a tratar da primeira joia, comprando-a por fim o desconhecido.

Depois afastaram-se ambos.

Durante o caminho, o desconhecido dizia para consigo mesmo:

—Deixo de ser Sherlock Holmes, se todos estes brilhantes não pertenceram á cantora Rudini, assassinada em Paris, e se este supposto barão não é o assassino.

«Heide enviar algumas d'estas pedras á prefeitura de policia de Paris para que as reconheça... mas d'aqui mais a algum tempo...»

## CAPITULO II

### No circulo dos artistas

—Lydia, ainda temos algum tempo para estarmos juntos; os japonezes executam os seus primeiros trabalhos, dizia um mancebo no camarim da artista, depois de ter olhado em redor e convencendo-se de que os dois estavam sós.

—Não sejas assim, Armando, exclamou miss Lydia em tom repreensivo.

«Porque me segues até aqui? O que dirão as creadas ou as minhas amigas, se nos virem aqui sós?»

—Dirão, disse rindo Armando, que tenho o direito de fallar-te aqui ou em outra qualquer parte.

«Ignoram ellas acaso que és a minha noiva? sou eu um mau homem? não te pertencem todo o meu amor e ternura?»

«Amo te desde que te conheci em Buda-Pest; se então te não oppuzesses, já estaríamos casados.»

A formosa artista deu um profundo suspiro e exclamou:

—Era melhor que tivesses accedido aos teus rogos; se não o fiz, bem sabes que foi porque queria pedir auctorisação de meus paes.

—Sou por ventura um criminoso, ou homem suspeito ou desconhecido para ti, para que tenham de

fazer averiguações a meu respeito? exclamou Armando.

«Sei que tu és, Lydia, a mulher mais formosa, que mais me ama, e que tens um comportamento irreprehensivel; e por isso não preciso perguntar a ninguém se me convem que sejas minha esposa. Faz tu o mesmo.»

«Sei que não sou nenhum millionario, nem tão pouco um principe, mas isso não obsta a que aspire á tua mão...»

—Eu tambem sou pobre; mas se fosse filha de principes, exclamou Lydia, apertando á mão de Armando, não deixava de amar-te como te amo; todos os meus thezouros seriam teus.

«Desgraçadamente preciso viver da minha arte, tão pouco em harmonia com os meus sentimentos.»

Basta, Armando; os japonezes acabaram o seu numero, porque ouço os applausos.

Armando beijou-lhe a mão e exclamou em segreda:

—Não te deixarei ir só para casa porque receio que aquelle brasileiro te incommode de novo.

«Fizeste mal em acceter-lhe o ramillete.»

—Não julgo que volte outra vez a importunar-me, depois do que fiz, redarguiu miss Lydia.

—O que foi que fizeste?

—Quando cheguei a casa, desmanchei o ramillete, encontrei entre as flores uma preciosa pulseira e devolvei-lha immediatamente, respondeu a formosa artista. Se ainda pensa em mim, a minha resposta o desenganará...

«Julgo pois que posso estar descansada.»

«Só a ti amo, e todos os homens me são indifferentes.»

O barão torna-se-me suspeito, e inspira-me pouca confiança.

N'este momento sou a campainha electrica do camarim da artista chamando-a para o circo.

—Adens, querida, disse Armando. Desejo que não te succeda mal algum e que colhas bastos applausos.

D'ahi a pouco ouvia e mancebo os applausos com que o publico recebia a artista que acabava de apresentar-se para executar o seu numero.

Desejo de contempla-a e alegrar-se com o triumpho da sua querida noiva, dirigiu-se Armando para o logar dos espectadores, D'ahi podia vel-a melhor.

Apenas saiu do camarim da artista, de novo se moveu a cortina e por entre ella appareceu o rosto de um homem.

—Que dialogo tão amoroso houve aqui murmurou o incognito.

«Fiquei sabendo tudo o que desejava saber.»

«Posso proceder livremente por aqui, porque os dois já se retiraram; é preciso aproveitar o tempo. A occasião é propria, aproveitemo-la pois.»

Sem demora saiu d'ali, e dirigiu-se silenciosamente, mas sem receio, para as cavalleiças do circo.

Logo que ali entrou, começou a examinar os cavallos passando-lhes a mão pelo lombo.

—Excelentes cavallos; soberbas estampas.

«Conheço os bem... Lembro-me perfeitamente que os vi pela primeira vez em Salomnski.

Passado algum tempo dirigiu-se para um trem que o esperava proximo do circo.

—Não quero dizer nada ao director... o silencio por agora é o melhor...

N'este momento concluiu o seu numero a gentil artista.

Os applausos foram tão calorosos e expontaneos como no dia anterior.

O director viu-se obrigado a acompanhar a formosa joven até ao centro da pista para agradecer as repetidas demonstrações de apreço e sympathia que o publico lhe manifestava.

Logo que poudo, foi miss Lydia para o seu camarim mudar de fato e receber os cumprimentos do seu noivo.

Já estava dentro, pensando no triumpho que acabava de obter, quando viu de subito na sua frente... o barão de Concourt que ali se tinha introduzido como uma serpente.

—Perdõe-me, formosa Lydia, murmurou com voz apaixonada, querer fazer-lhe hoje uma nova manifestação do meu amor.

«Receba estas rosas, simbolo do incendio que me devora o coração. E approximou-se d'ella.

A artista recuou vivamente e exclamou fazendo um energico gesto negativo.

—Não aceito, cavalheiro...

«Julgava que a devolução do seu bracelete seria bastante para que desistisse das suas pretensões; mas visto que não quiz comprehender-me, e me persegue contra minha vontade, necessario é que lhe diga, e de uma vez para sempre, que entre nós dois existe um abismo insuperavel.

—Seja assim; mas o amor tudo vence...

—Tem mais alguma coisa que dizer-me? a minha dignidade não me permite que o escute por mais tempo, exclamou a artista.

—A senhora faz-me muito desgraçado, respondeu aparentemente commovido o barão, não a incomodarei mais, venha ceiar commigo esta noite e depois...

—Basta, gritou energicamente a digna joven. Nem mais uma palavra, não posso continuar a ouvi-lo, não disponho de tempo...

O brasileiro fez um gesto de enfado, e abanando a cabeça, disse com os olhos fixos na artista, ao mesmo tempo que se lhe acercava:

—Não tem tempo para mim?

—Não, replicou com energia a joven; para o senhor, não.

—Ah! exclamou o barão.

«Mas isso quer dizer que dispõe de tempo para outro...

Sem responder, a formosa jockey correu o reposteiro e acabou de pentear-se.

O barão seguiu-a com a vista e conservou-se immovel durante alguns momentos não podendo vencer-se que a formosa joven dispensasse o seu affecto a outro, quando só elle a podia fazer feliz por meio da sua grande fortuna...

Quando a artista saiu, detraz do reposteiro, lançou-se sobre ella, estreitou-a contra o peito, como querendo abraça-la n'um impulso amoroso, ou suffocá-la nos braços n'um momento de odio. Então disse-lhe:

—Não queres dar-me um abraço... pois eu t'o darei, quer queiras quer não.

—Armando, Armando, corre! gritou a artista.

N'um instante appareceu Armando collocando-se ao lado da artista.

O acrobata, porque o noivo da joven era o melhor acrobata da companhia, cresceu para o barão e applicou-lhe um murro tão violento na cabeça, que este caiu por terra sem sentidos.

—Ficarás agora sabendo que ha quem defenda a honra de Lydia, e que vaes ser castigado pela tua ousadia, disse o acrobata ao applicar-lhe o murro.

Arrastou depois o barão para fóra do camarim e deixou-o no corredor. Quando o patife recuperou os sentidos, afastou-se precipitadamente do circo e dirigiu-se para casa murmurando:

—Esta mulher ha de ser a causa da minha desgraça.

«Como eu amaria esta rapariga, se fôsse correspondido!

«Dar-lhe-hia tantos brilhantes, como princeza nenhuma ainda possuiu...

«E' tão tola que me prefere esse acrobata sem fortuna, que não pode proporcionar-lhe uma existencia desafogada e feliz, e o amor só pode viver sob os raios fulgidos dos brilhantes e pedras raras.

«E' de endoidecer. Nenhuma mulher ainda me resistiu como esta; mas vingar-me-hei por tal forma, que, ainda contra sua vontade, ha de pensar em mim toda a sua vida.

Consultou o relógio e viu que eram doze horas menos um quarto.

—Ainda tenho tempo, murmurou.

«Irei ao circulo dos artistas de Bosco.

Dirigiu-se apressado para casa. Logo que chegou, perguntou algumas coisas ao creado, e em seguida saiu para a rua, onde o esperava já a carruagem que tinha mandado preparar quando chegou a casa.

Esta tomou a direcção do bairro de Hernal e parou deante de uma casa de mediocre apparencia, na qual havia grande animação, a julgar pelas gargalhadas e barulho que dentro se ouvia.

Era um antigo club de artistas onde passavam amavelmente algumas horas em innocentes distrações, e onde tinham estabelecido uma caixa de socorros para os casos de doença e desastre no trabalho.

Foi n'este club que entrou o barão de Concourt.

O barão era certamente conhecido ali, porque, logo que entrou, foi cumprimentado cordealmente.

Durante algum tempo percorreu com a vista algumas das mesas até que por fim encontrou alguém que procurava.

N'um angulo da sala estava sentado o homem que algumas horas antes tinha escutado a conversação entre o acrobata e miss Lydia, no camarim do Circo Angelo.

Estava abstraído na contemplação de um copo de licor que tinha deante de si.

—Que pensamentos o absorviam? espiava por acaso o barão?

Parecia completamente alheado de tudo e continuava com o olhar fixo no que tinha na sua frente.

O barão approximou-se d'elle silenciosamente, e, quando já estava perto, disse-lhe:

—Em que pensa, sr. Bosco?

—Ah! é o senhor barão, exclamou o sujeito como se despertasse de um sonho. Não o esperava agora...

«Que impressão trouxe a respeito da formosa Lydia?

O barão mandou que trouxessem algumas garrafas de vinho generoso e copos, dizendo em seguida a Bosco, que era artista.

—Não nota que a jockey do circo tem um amante?

—Não, sr. Barão, não tive tempo para observar nada; era de noite.

O barão fixou-o insistentemente, como se quizesse ler-lhe os pensamentos na alma, e disse após uma breve pausa:

—Bem, pois outro se me adeantou.

—Parece-me que o sr. barão está muito pessimista, exclamou Bosco enchendo um copo que o moço lhe apresentava.

—Não sou pessimista, digo o que vi, replicou o barão com ar enfadado.

«Por causa d'essa mulher já soffri bastante...; mas não ficará sem castigo nem vingança a injuria recebida.

«Ouça, sr. Bosco; preciso e hei de vingar-me.

O artista ao ouvir estas palavras ficou impassivel e bebeu um segundo copo de vinho, dizendo em seguida:

—Muito bem, muito bem, sr. barão.

«Mas desejo fazer-lhe uma pergunta:

«De quem quer vingar-se?

—De miss Lydia, respondeu o barão.

«O pensamento de que outro a possue escaldar-me o sangue; quero que ella sinta a minha vingança e depois... o outro...

—Já amadureceu bem o seu plano, sr. barão? perguntou o artista.

«Lembre-se que miss Lydia está mais segura ao lado do director Angelo do que se estivesse na villa de Abraham; tenho ouvido dizer que o director tem cuidados paternos para os artistas que trabalham no seu circo.

—Pensei em tudo, sr. Bosco, respondeu o brasileiro resolutamente; por isso vim aqui.

«O senhor me auxiliará a vingar-me d'aquella mulher.

—Eu, sr. barão? replicou o artista.

«Não sei de que maneira possa auxiliar-o; se estivesse trabalhando no circo era possível; mas o senhor sabe que tenho difficuldade em me apresentar ao director...

O barão lançou ao seu interlocutor um olhar penetrante, e disse resolutamente:

—Isso não importa. O principal é que possa estar no circo.

«Que jogos pode executar?

—Prestidigitação e jogar com o fogo.

«Sei muitos jogos.

«Acendo reguas de madeira e lampadas de petroleo; agarro em tres cigarros, atiro com elles na direcção das reguas e das lampadas e caem os tres accesos; um na minha bocca, outro em uma cigarreira que tenho na mão e o terceiro em uma boquiha que tenho ao peito.

«Agarro em um copo de vinho; atiro-o por debaixo das pernas e apanho-o nas mãos depois de descrever uma perfeita circumferencia sem que uma só gota do liquido se derrame.

E continuou descrevendo outros jogos semelhantes.

O barão escutava-o com a maior admiração.

Quando o artista acabou de fazer a sua narração, disse-lhe:

—Não pensa que seria recebido no circo para exhibir alguns d'esses numeros? são muito atrahentes e extraordinarios.

—Pode ser que o director me admitta, especialmente se sairem alguns artistas, replicou o prestidigitador.

«A admissoão depende de muitas circumstancias.

—Bem, será admittido, voltou o barão.

«Entre os innumeraveis jogos de que me fallou, imagine que executa um, em que dispara diversos ti-

ros tomando posições dífceis. Muito bem, em uma d'essas occasiões em que esteja proximo de miss Lydia, carga a arma com bala e dispara contra ella; depois tem o recurso de dizer que a arma se lhe desviou das mãos, que teve uma pequena distracção...

O prestidigitador empalideceu e exclamou sobressaltado:  
—Assim, quer que eu commetta um... assassinato?

—Sim, e todos dirão que foi uma desgraça...

Pouco me importa o que se dirá se o que é certo é que isso seria um verdadeiro assassino, sr. barão, replicou com dignidade o artista.

«Em um momento em que a ira me cegasse, poderia matar um homem; mas fazel-o a sangue frio, sem ter recebido nenhuma offensa da victima, creiam, sr. barão, sou incapaz de uma tal infamia.

«Não me mande trabalhar no circo com essa condição.

O barão tirou a sua chauteira de prata e offereceu-a ao artista, que machinalmente tirou um charuto, tirando elle outro para si.

—Men querido Bosco, respondeu o barão sorrindo, vejo que toma o caso pelo lado tragico. Quem lhe disse que matasse? quem lhe fallou em assassinio? Pense bem; disse-lhe que procedesse de maneira a occasionar uma desgraça... Uma bala na cabeça com a arte que o senhor tem pode produzir uma lesão, que faça soffrer a artista, mas que não lhe produza a morte.

«Mas noto que está a tremer, como se tivesse bebido demasiadamente... o que tem?

Bosco precisou segurar-se para não cair e meio atorilado, replicou:

—É verdade, senhor barão; não sei o que sinto; desculpe se não o ouço bem... Sinto que as minhas mãos não tem a mesma firmeza... Talvez seja o effeito do vinho.

«Algum pouco mais de alcohol me põe neste estado...

—E julga que isso o impedirá de se apresentar ao director e offerecer-lhe os seus serviços? perguntou o barão.

—Se o director nota o estado em que me encontro, decerto me não admitirá, respondeu o artista.

—Segundo o que entendo, senhor Bosco, disse o brasileiro, não é difficil que se apresente occasião de poder exercer a sua proffissão no circo, emquanto lá esteja miss Lydia... poderia então fazer com que ella estivesse proximo do senhor.

«Assim ha mil oportunidades de fazer que seja victima de um accidente.

«Compromette-se a isso?

O artista ficou por um momento pensativo, depois respondeu:

—A mata-a não; mas produzir-lhe uma ferida, contusão ou coisa semelhante, comprometto-me.

—Muito bem, meu amigo, replicou cheio de contentamento o brasileiro; tem a sua fortuna ganhará uma excellente recompensa. Quanto quer ganhar?

—Dois a tres mil guildens.

—Bem, exclamou o barão tirando do bolso uma carteira.

«Vê esta carteira? contem tres mil goldens, este dinheiro será seu, se faz com que aconteça um accidente a miss Lydia no Circo Angelo.

Travou-se então um vivo combate no coração do artista. Por um lado tentava-o a cubiga; em um instante podia adquirir uma quantia consideravel; e por outro um sentimento nobre e generoso que lhe dizia que, ainda quando senão tratasse da vida de uma pessoa, não deixava de prejudicar na sua saúde e bem-estar.

Além d'isso, dizia-lhe a consciencia que ha casos, e este era um d'elles, em que os acontecimentos se complicam de tal maneira, que uma queda, uma ferida, que em outras circumstancias nada seriam, n'aquella precisamente occasionaria a morte ou pela maneira porque a queda se desse ou pela parte em que a ferida fosse feita.

E depois, não exigiria qualquer outro dia o barão, levado pelo seu odio para com miss Lydia, que elle a matasse?

Por fim os maus sentimentos venceram os bons, e Bosco disse vencido, ao barão:

—Aqui tem a minha mão, conte commigo.

## CAPITULO III

### Queda desastrosa

—Admiravel, sr. Bosco, dizia o director Angelo, quando aquelle acabou de fazer o ensaio dos numerosos jogos em que era mestre consummado.

«Os ensaios foram superiores a toda a expectativa.

«Comprometto-me a deixal-o trabalhar no circo, no proximo mez.

«Apresente se ao meu administrador, sr. Arxet e com elle fechará o contracto.

Bosco saiu do Circo com o coração oppresso e pezaroso como quem principia a praticar um crime; mas prendia-o a este a cadeia de ouro do barão e não era muito facil partil-a.

Procurou um fado de palhaço, alguns ingredientes para pintar a cara e robustecer os membros.

No primeiro dia que lhe pertencem trabalhar passou por deante do director, antes de se apresentar

no circo; este olhou-o e ficou sobressaltado com a impressão que o artista lhe produziu.

— Está doente? perguntou lhe.

— Não, sr. director, estou de saude perfeita.

— Poderá apresentar-se em publico?

— Ensaiei- em minha casa deante de numerosos amigos os numeros que tenho de executar e o resultado foi satisfatorio. . .

— Já me prepararam o camarim. . .

E retirou-se na direcção das cavallariças para ver os formosos cavallos que ali havia.

O picador estava-os observando.

Bosco foi vendo-os um por um, e, ao chegar proximo de um branco, notavel pela sua formosura, perguntou ao picador:

— A quem pertence este cavallo branco?

— A miss Lydia, a nossa jockey.

— E' propriedade d'ella?

— Certamente; miss Lydia deixou-o no circo, mas paga a alimentação.

E passou ao de leve a mão pela garupa do formoso animal.

— O senhor monta-o algumas vezes? perguntou Bosco.

Antes que pudesse receber a resposta, appareceu inesperadamente miss Lydia.

Este facto transtornou o plano do venal artista. Veio-lhe á memoria o crime que intentava praticar n'aquelle innocente que nenhum mal lhe tinha feito, a combinação que tinha havido entre elle e o barão, os seus planos, a resistencia que tinha opposto e, finalmente, a sua derrota.

Acercou-se-lhe sorrindo a joven artista, como o cordeiro a quem querem degolar, e disse-lhe ao vel-o tão perturbado e pallido:

— O que tem? parece que me está olhando com mau modo? está doente?

— Desculpe-me, respondeu Bosco, hontem vi um cavallo que me prendeu a attenção pela sua formosura e fôrmas elegantes e nervosas. . . e hoje acabo de saber que é da senhora.

— Conheço pelos pormenores a qual se refere; está bem informado: é meu.

— Gosta de meu Ali?

— Muiitissimo. E se me permite, montal-o hei mais tarde, disse o artista.

— Trabalho agora no circo; e não o faço com muito animo e alegria.

— Então como assim? disse miss Lydia, acariciando o cavallo, que lhe correspondeu com um relincho de alegria.

— Porque passei metade da minha vida no circo e depois de tanto trabalho encontro-me tão pobre como antes, replicou Bosco.

N'aquelle momento chamaram a gentil jockey e Bosco viu que a sua victima se affastava.

— Esta casualidade ajudar-me-ha para o que inten-

to fazer, murmurou o criminoso; a sorte favorece-me para levar os meus projectos a cabo; quem sabe se poderei satisfazer os meus compromissos de modo que não me tragam a menor responsabilidade nem a mais leve suspeita!

E sem ser notado pelos creados, deslizou pelas cavallariças e procurou a sela correspondente ao cavallo de miss Lydia.

Logo que a encontrou examinou-a com a maior attenção.

Concluido o seu exame, affastou-se d'ali.

O director Angelo estava muito satisfeito por poder apresentar um novo numero e a satisfação do publico não seria menor, pela raridade e boa execução dos trabalhos.

Tambem o barão de Concourt não estava menos satisfeito.

O seu diabolico plano estava em via de realisação e nada sobre elle tinha transpirado.

Havia tres dias que elle e Bosco se não viam, quando este recebeu uma carta em que o barão se limitava a felicital-o pelos seus felizes resultados; nada mais lhe dizia.

— Esta noite, monologava o prestidigitador; chegará a occasião de ganhar os tres mil guildens.

Na noite d'aquelle dia, como nas anteriores, apresentou-se em publico miss Lydia vestida com calça de montar, um pequeno chicotê na mão, jaqueta vermelha e bonnet de jockey.

O primeiro picador do circo apresentou-lhe o cavallo branco; antes de montar, saudou o publico que a applaudia.

Pouco depois, de um salto montou o cavallo.

Já sobre o cavallo notou que entre os assistentes se encontrava o barão, o qual ao ver que a artista o olhava, lhe voltou as costas com desprezo.

Miss Lydia não prestou attenção a esta grosseria e começou a executar os numeros do seu programma.

O cavallo galopava em roda da pista e a artista estava de pé na garupa; depois de ter dado algumas voltas puzeram-lhe alguns obstaculos na frente, mas o cavallo passava por debaixo d'elles. Saltou-os e colheu abundantes palmas. Então tirou o bonnet e saudou o publico.

Continuou os seus trabalhos. Estes consistiam em saltar do cavallo e tornar a montal-o sem necessidade d'este parar de velocidade.

Este numero terminou com grandes applausos.

Agradeceu os a artista, mas muito pensativa.

Tinha notado que o seu cavallo Ali não tinha o trote regular dos outros dias. O que seria? isto não lhe costumava succeder; alem d'isso, tão depressa la-decava para a direita como para a esquerda.

Quiz montal-o de novo, mas o cavallo empinou-se, de modo que, tendo conseguido o seu intento, teve que saltar a terra.

Ninguém do publico ou dos artistas tinha notado nada.

Serenado um pouco o cavallo, tornou a montar-o, mas d'esta vez sobre as ancas, por o numero assim o exigir.

O animal tinha que vencer os obstaculos que se lhe apresentavam durante o galope.

Miss Lydia, sobre a sella notava um não sei quê de inquietação e um presentimento vago de desgraça.

Em um dado momento sentiu-se pouco segura na sella, e o cavallo dava um salto como se se encabritasse.

Antes que pudesse firmar-se nos estribos foi projectada por cima do cavallo . . .

O publico soltou um grito de espanto e terror, e antes que ninguém o pudesse impedir, a desgraçada Lydia caía desamparada no solo.

Velozes como o raio, todos os que se achavam na pista correram em seu auxilio, levantando-a inanimada do solo.

O acontecimento tinha sido tão inesperado e subitico, que ninguém poderia dizer com certeza como se havia passado. O que apenas se sabia era que a formosa joven jazia no solo sem sentidos, ou talvez mortalmente ferida.

Sem perda de tempo levaram a desgraçada para o seu camarim.

O medico do circo examinou-a minuciosamente.

Todos os artistas que cochichavam á roda do camarim estavam tão impressionados, que não tinham vontade de trabalhar.

O director Angelo, não obstante o seu grande interesse pela joven artista, ordenou aos artistas que ainda não tinham começado os seus trabalhos, que o executassem, pois que o publico se queixaria de não continuar o espectáculo.

Levaram para o camarim de miss Lydia uma *chaise-longue*, para que ali melhor pudesse descansar.

—A paciente está agora mais tranquilla e com maior commodidade, disse o medico. Creio que apenas se trata de uma violenta commoção produzida pela brusca queda de cabeça.

Não tardou muito que miss Lydia abrisse os olhos percorrendo a vista por todos que a rodeavam e fazendo um esforço para se levantar.

—Já terminou o espectáculo? perguntou.

—Não; respondeu o director; mas esteja socegada e não se levante.

—Já estou boa e devo apresentar-me ao publico, exclamou a artista.

—Peço-lhe, miss Lydia, que não se mova, disse-lhe o director. Antes de ir para o circo convem que se restabeleça da commoção que recebeu.

—Protegeu-a o seu anjo da guarda, para estar ainda com vida.

—Receio que o seu cavallo fosse a causa d'esta desgraça.

—Fallaremos d'isso mais tarde, respondeu a animosa joven.

«Está terminando o ultimo numero; deixe-me ir ao circo.

Perante tão reiteradas instancias, o medico e o director acederam e a joven dirigiu-se em passo firme para o circo.

Ao ver entrar a elegante e formosissima joven no circo, pallida mas sorridente, a assistencia prorompeu n'uma calorosa salva de palmas, n'uma quente e entusiastica demonstração de apreço e de carinho. A juventude, a formosura, as suas maneiras atrahentes e affaveis, tinham-lhe grangeado a estima dos videntes; e a sua repentina desgraça impressionara-os fundamente e todos a tinham julgado morta.

Ao verem que apparecia pouco depois do desastre completamente ilesa, soltaram os diques do seu enthusiasmo.

Em breves momentos voava no espaço uma nuvem de flores e á roda da gentil artista via-se um formosissimo tapete.

Esta levantou do chão um ramillete, e, beijando-o agradeceu com elle aquellas demonstrações de apreço.

Nova salva de palmas . . .

Miss Lydia estava louca de alegria.

Quando regressou ao seu camarim, disse-lhe o director depois de lhe pedir que se sentasse na *chaise-longue*:

—Diga-me, miss Lydia, como succedeu essa desgraça.

—O cavallo deu um grande salto; notei que estava muito desassocegado e rebelde; ignoro tambem o que tinha a cella. Em consequencia do salto do cavallo e tambem por a sella não estar bem collocada, fui projectada sobre o solo.

A' porta achava-se o prestidigitador, e o director disse-lhe:

—Senhor Bosco, traga a sella.

Affastou-se o artista, e pouco depois voltava trazendo a sella.

O director observou-a detidamente e não encontrou nada que lhe despertasse suspeitas.

Disse á artista que não se affastasse d'ali e foi passar uma minuciosa inspecção á pista do circo.

Tambem ali nada encontrou de suspeito.

Quando de novo entrou no camarim de Lydia, exclamou:

—Com certeza que a causa do desastre se deve só attribuir a Ali; é preciso vêr o que elle tem.

E dirigiu-se para a cavalleria ansioso de chegar ao fim das suas investigações.

Examinou detidamente o cavallo e nada descobriu. Já ia para se retirar, quando se lembrou de tirar a manta que cobria o animal.

—Traz uma luz, disse a um creado.

A' claridade da luz descobriu nas espaldas do cavallo profundas feridas que vertiam sangue.

Isto explicava os saltos do cavallo ao sentir o peso da artista sobre as feridas.

O director callou-se; suspeitou logo do seu pessoal.

Lydia apenas o viu entrar perguntou:

—Descobriu alguma coisa em Ali, senhor director?

Este encolheu os hombros, sentou-se ao lado da *chaise longue* e respondeu:

—Estou quasi convencido que pretenderam mattal-a

«Encontrei nas espaldas do seu Ali uma profunda ferida que só podia ser feita por um objecto agudo e perfurante.

«Suspeita, miss Lydia, de quem poderá ser o autor d'esta infamia?

A artista meditou por um momento; depois poz as mãos nos olhos, como se tivesse um pensamento horrivel.

—O barão de Concourt jurou vingar-se de mim, murmurou Lydia.

«Mas como poderia elle entrar nas cavallariças?

«Ali não saiu de lá, senão para entrar no circo.

—«Ordenarei que ninguém entre no logar reservado aos cavallos durante o espectáculo.

—Talvez o publico receba mal essa ordem, murmurou a artista.

«Aconselhe-se reservadamente com o administrador geral, Arxt; é um homem pratico e prudente, e talvez lhe forneça outros meios para cortar o mal pela raiz, sem produzir desgostos.

N'isto appareceu Bosco com a cella.

—Descobriu alguma coisa de aovo, senhor Bosco? perguntou-lhe o director.

—Sim, senhor director, respondeu o prestidigitador, descobri estes pregos no acolchoado da sella; tenha a bondade de ver.

E collocou a sella de maneira que o director pudesse constatar o facto.

Este passou a mão ao de leve pela parte inferior da sella, e encontrou os pregos.

—Admiro-me não os ter visto antes. Todavia não foi por falta de attenção, exclamou o director, visivelmente desgostoso.

—Os bicos dos pregos não saem muito quando se não faz pressão sobre ella, respondeu o prestidigitador, mas sob o peso do cavalleiro, saem e penetram na carne do cavallo produzindo-lhe dores atrozes.

—E como descobriu isto? perguntou o director.

—Muito simplesmente; logo que se deu o accidente, mettu-se-me na cabeça que a causa d'elle era a sella, respondeu Bosco. Fiz a experiencia em outro cavallo e logo queme firmei na sella começou a dar saltos furiosos...

—E porque fez essa experiencia?

—Porque, como lhe disse, supuz sempre que a causa do desastre estava na sella, respondeu Bosco, e tinha resolvido evitar a todo o custo outro desastre a miss Lydia.

«O que sinto é não saber quem foi o canalha que tentou contra a sua existencia...

—Eu julgo que aqui anda mão occulta e criminoso sa que quer privar-nos de miss Lydia, replicou afflicto o bom do director.

«Mas onde se encontra o criminoso?

—Talvez alguma coisa lhe possa dizer Tom Belling? respondeu tranquillamente Bosco. Tom Belling? Tambem dejeo ouvir-o; mas não é preciso chamal-o, elle ahi vem.

Tom Belling era um homem muito prudente e de são criterio. Era o jorgal da companhia, e inexcvedivel no seu genero.

—Diga-me, Tom, que sabe do mysterioso acontecimento d'esta noite no circo? perguntou o director ao recebendo.

—Senhor director respondeu Tom, ha dias fui testemunha de uma declaração amorosa que o barão de Concourt fez a miss Lydia; ovi depois gritos e acto continuo appareceu o noivo da miss.

Pouco depois saia o barão, muito irado, soltando imprecacoes contra miss Lydia e o seu noivo e dizendo que se havia de vingar.

—Desde que o barão proferiu essas ameaças, tambem eu admitto como certo o que affirma, replicou serenamente Bosco.

Miss Lydia levantou-se da *chaise longue* e estendendo a mão a Bosco, disse lhe commovida:

—Muito lhe agradeço, senhor Bosco, o cuidado e o empenho que tem em querer averiguar a causa da minha desgraça para que não me succeda coisa peor.

«Recebe os meus agradecimentos.

—Muito desejaría que não se tivesse dado este pequeno accidente, exclamou hypocritamente Bosco. Oxalá eu tivesse surprehendido o criminoso!

—O senhor bem merece de todos e em particular de mim, senhor Bosco, exclamou o director.

E absorvido nos seus pensamentos foi procura-Arxt, seu administrador geral.

Logo que lhe referiu o que se tinha passado com todas as particularidades, accrescentou:

—Senhor Axt, julgo que devo tomar medidas extraordinarias para que se não repitam estes desgraçados factos no meu circo; a honra do meu estabelecimento está ameaçada.

«Além d'isso não posso tolerar que esteja em perigo a vida dos meus artistas.

«Aconselhe-me, auxilie-me o senhor.

—Para pôr em execução as suas medidas, não pensa o que lhe pode custar? perguntou Arxt.

—Quando se trata de um facto criminoso como este, não olho a despesas,

—Pois leia esta pagina do «Wiener Freien Presse» disse o administrador.

E entregou o jornal ao director.

O jornal trazia o seguinte artigo:

«Os nossos leitores certamente desejarão saber que ha umas semanas a nossa cidade abriga um hospede illustre.

«O celebre criminalista inglez Sherlock Holmes veio consultar um especialista de doenças de garganta, o doutor Streiler. Segundo sabemos, teve de sujeitar-se a uma operação, com o mais lisonjeiro resultado.

Consta que o illustre enfermo ainda permanecerá algum tempo na nossa formosa cidade imperial para visitar os mais importantes monumentos.

— Isto caiu do céu! Sherlock Holmes em Viena! exclamou o director.

— Julgo que deve fazer-lhe quanto antes uma visita, disse o administrador.

N'isto bateram á porta e o director disse:

— Quem será?

— Entre! disse o administrador.

Abriu-se a porta e entrou um homem alto, magro, de feições energicas.

— Em que posso servir o, cavalheiro? perguntou o administrador dirigindo-se ao visitante.

— Dar-me-hia grande satisfação se pudesse fornecer-me alguns esclarecimentos que se relacionassem com um acontecimento um tanto mysterioso que se deu no Circo Angelo, disse o visitante.

— A quem tenho a honra de fallar? perguntou o director.

— Chamo-me Sherlock Holmes. Não creio que o meu nome seja conhecido em Viena, mas...

— Hurrah! disse o director muito contente. O senhor é aqui conhecido... Estavamos justamente fallando de si. Tenha a bondade de sentar-se e diganos o objecto da sua visita.

— Queria saber se o barão de Concourt está em relações com alguns dos artistas, disse Sherlock Holmes.

«Vim ao Circo, e notei que algum tempo depois do espectáculo o barão saia d'elle.

«A sua resposta pode dar-me alguma luz para fundamente as minhas suspeitas a respeito do triste acontecimento.

O director referiu-lhe o que succedera com todos os pormenores; as demonstrações de amor do barão para com miss Lydia, a recusa d'esta, os protestos de vingança do barão e finalmente o que n'esse dia tinha ncontecido á artista.

— E' fóra de duvida, concluiu o narrador, que o barão entrou esta noite nas cavalleriças, antes de a artista trabalhar, e preparasse as coisas de modo que succedesse uma desgraça á joven.

O genial policia sorriu-se quando o director concluiu, e replicou:

— Não obstante todas as apparencias, pôde muito bem ser que elle fizesse isso.

Angelo e Arxt olharam-no espantados e exclamaram:

— Impossivel!

— Todavia assim é, respondeu tranquillamente o policia.

«Durante o dia de hoje não perdi de vista o supposto barão.

«Pela manhã foi a Baden (bairro muito afastado de Viena), em seguida voltou para a capital e dirigiu-se para o hotel.

«Veio depois ao circo, mas não saiu do logar destinado ao publico.

«Estou certo que elle não tomou acção directa no attentado.

«Conheço o muito bem e posso assegurar-lhes que por coisa alguma se exporá ao perigo de ser descoberto; é um grande criminoso, e tem a manha de uma raposa.

«Instigaria ao crime, mas o auctor, por assim dizer, material do crime, deve procurar-se no seu pescal.

Os dois olharam-se estupefactos; não sabiam o que dizer; por fim o director disse:

— Senhor Holmes; a sua presença no circo é verdadeiramente providencial.

«Muito desejaríamos que nos prestasse o seu auxilio para descobrir o malfetor.

O grande criminalista reflectiu durante alguns momentos e depois disse:

— Occorre-me um meio que podia dar resultado...

«Mas primeiro que tudo devo' advi-l'os que ninguém deve saber que me apresentei no circo; se alguém o soubesse transtornar-se-hiam todos os meus planos...

«E' preciso que eu desempenhe em sua casa qualquer emprego que me dê latas funcções. Seré conhecido pelo nome de Francillon.

— Perfeitamente, respondeu o director.

«Todos os artistas sabem que ha tempos, procuramos, o meu administrador e eu, um homem que se encaaregasse de escripturação da casa e ao mesmo tempo tomasse a seu cargo a inspecção de pessoal.

«Amanhã de manhã dir-lhe-hei que já encontrei essa pessoa.

«Agrade-me o logar, respondeu Sherlock Holmes, á sombra d'elle poderei manobrar livremente e observar o que me convenha.

E levantando se despediu-se do director Angelo e do seu administrador.

## CAPITULO IV

### Sherlock Holmes encarregado do circo

Depois de Sherlock Holmes ter sido apresentado a todo o pessoal, dirigiu-se ás cavalleriças onde esteve vendo todos os cavallos; d'aqui passou ás

cocheiras onde esteve vendo todo o material dos vehiculos.

Proximo do meio dia apresentou-se acompanhado de um moço das cavallerias na arena onde acabavam de chegar, um homem que disparou alguns tiros, e uma formosa joven.

— Quem são estes? perguntou o policia ao seu companheiro.

— E' Bosco, o nosso prestidigitador.

— E a formosa joven, perto da qual passam as balas, porque acompanha os exercicios do prestidigitador?

— E' miss Lydia, a nossa Jockey.

«Os dois são artistas de primeira força.

Sherlock Holmes acercou-se de Bosco, que estava muito entretido em ansaiar os jogos, que devia executar n'essa mesma noite.

Sem saber porquê, aquelle homem tinha excitado vivamente a attenção e interesse do policia.

Bosco debutava n'esta noite como atirador. Nas outras representava o papel de jogral.

Pouco tempo depois de ali estar o empregado Francillon, o atirador quiz acabar os exercicios, mas aquelle disse lhe:

— Executou muito bem os seus exercicios, senhor Bosco.

«Sabe disparar doze balas em um minuto?

— O senhor não o viu?

— Pois eu disparo cincoenta tiros no mesmo tempo. N'este momento appareceu o director, e ainda ouviu o que o policia dissera.

— E' completamente impossivel disparar mais de doze tiros em um minuto, exclamou Bosco.

— Para affirmar isso, senhor Bosco, é preciso fazer a experiencia, replicou o director.

— E' isso que espero, replicou o atirador rindo zombeteiramente, voltando as costas aos dois.

— Pois isso farei, senhor Bosco, disse Sherlock Holmes. Tem todo o direito de não me acreditar emquanto eu não apresentar a prova do que affirmo.

«Preste-me a sua arma.

— O senhor... o senhor quer medir-se commigo replicou Bosco desconcertado e visivelmente contrariado.

— Ceda-me a arma, e terá occasião de se aperfeiçoar na sua arte, disse o grande policia.

Todo o pessoal se apresentou na arena para presenciarem as provas que Sherlock Holmes queria dar da sua affirmação.

— Miss Lydia, quer ter a bondade de passar-me as balas, mas com a maior rapidez?

A joven agarrou n'um cestinho e poz-se ao lado de Sherlock Holmes.

Olhava com intelligencia para o novo atirador.

A sua arma é excellente, disse o policia a Bosco, com um bom ponto de mira, e é de fabrico inglêz.

«Dê-me o cinturão dos cartuchos.

Bosco entregou-lho.

— Veja, disse o policia quando já o tinha nas mãos. Se temos a cartucheira na cintura, gasta-se muito tempo em baixar a mão e os tiros não podem ser repetidos sem interrupção.

Holmes empunhou a arma, e dispou-se a disparar, tendo a seu lado miss Lydia para lhe entregar os projecteis.

O director agarrou no relógio e disse:

— Agora.

Holmes foi disparando uma atrás da outra todas as balas até que o director disse:

— Um minuto; cincoenta tiros.

«Felicitó-o, senhor Francillon.

«Oxalá o tivéssemos d'hoje em diante como atirador.

— Já deve estar convencido, senhor Bosco, que eu tinha razão, disse o policia. A sua arma dispara ás mil maravilhas.

E entregou-a ao vencido.

Este, cego de ira e de vergonha, agarrou na arma e arrojou-a ao chão.

— Nunca mais na minha vida tornarei a pegar em uma aama, exclamou Bosco.

— Mas porque se irrita o senhor d'esta maneira? disse o director admirado.

— Já lhe disse que não torno a pegar em uma espingarda, disse Bosco, colerico. Se o senhor precisa um atirador, ahí tem o sr. Francillon.

— Siga os conselhos d'este senhor, lembre-se como elle fez, e poderá chegar a igual perfeição, replicou o director.

— Não quero, exclamou o vencido.

«Se me admittre como jogral, continuarei no circo, mas rescindo o contracto se quer fazer-me passar por atirador. Não gosto de executar um trabalho em que outro se me vantaja.

O director aproximou-se de Sherlock Holmes e disse lhe em voz baixa:

— Grave compromisso em que me encontro. Annunciei um atirador excellente e agora este não quer trabalhar.

— Não lhe dê isso cuidado, replicou Sherlock Holmes, a meia voz.

«Se Bosco se obstina tanto em não fazer este numero, eu o substituirei.

— Julgo que este italiano, vai ter-lhe um odio mortal, murmurou o director.

— O mesmo me acontece a mim, senhor director.

Começaram então a sair todos os empregados e ficaram sós o director e o policia.

Este proseguiu:

— Vou dar-lhe um conselho: não consinta que este homem se approxime de miss Lydia, e muito menos ás occultas.

«Não quero commetter a injustiça de acreditar que é um criminoso, mas o melhor é evitar...

«Tome as necessarias medidas no sentido do que lhe digo.

— Bem, Francillon, seguirei o seu conselho.

A' noite teve de apresentar-se, o genial policia na arena em lugar do vaidoso e humilhado atirador, recebendo bastos applausos.

A formosa jockey fez-se igualmente applaudir nos seus exercicios equestres.

Era grande a alegria e animação de todos os artistas.

Um, porem, havia, que tinha o coração cheio de tristeza e odio... era Bosco.

Estava sentado em um canto despercebido do circo.

Com o rosto decomposto pela inveja e pela ira, em quanto Sherlock Holmes trabalhava, desejava ansiosamente que elle tivesse a mais pequena distracção para o poder assobiar e patear.

Os merecidos applausos que o novo atirador recebeu foram outrás tantas punhaladas no seu enorme amor proprio.

Nãos entia só odio contra o atirador, o que não era de extranhar, mas tambem contra miss Lydia, porque se prestava a trabalhar com o seu vencedor, como se tinha prestado a trabalhar com elle.

Cego de ira jurou perder os dois.

Uma vez resolveo o crime, era preciso pensar na maneira de o pôr em pratica.

Um dia decidiu matar Sherlock Holmes quando o encontrasse isolado.

Mas o director Angelo não o perdia de vista, pois tinha notado que, sempre que Bosco via o grande policia ficava tão nervoso que mudava immediatamente de côr.

N'esse mesmo dia tinha Bosco recebido uma carta do barão de Concourt para que resolvesse de prompto o problema relativo a miss Lydia.

Isto era atear o rastilho.

N'aquella noite deslizou silenciosamente pelo interior do circo, decidido a estrangular Francillon, logo que a occasião lhe apparecesse.

Não a encontrou, porem, tão de prompto como queria.

Mas, quando menos o pensava, esta apresentou-se.

Sherlock Holmes tinha visitado, como auxiliar do administrador geral, as cavalleriças, as cocheiras, ficando-se principalmente no cavallo de miss Lydia, mas não encontrou nada de anormal.

De repente sentiu-se cansado, com vontade de dormir, sem conhecer o motivo.

Vendo que isto não lhe passava, sentou-se n'um banco da cavalleriça, e inclinou a cabeça sobre uma especie de almofada do mesmo, adormecendo profundamente.

Não tinha passado ainda um quarto de hora que

repousava, quando appareceu... o prestidigitador Bosco.

Este notara que o novo atirador tinha entrado ali, e que não voltará para o seu quarto.

— Que lhe terá succedido? disse.

«Estará examinando Ali? Andará a revistar os camarins, e principalmente o de Lydia?»

— Só o diabo sabe o que este homem fez.

E'levado pela curiosidade, deslizou suavemente pela porta da cavalleriça.

Quando entrou, ouviu uma respiração compassada e profunda, propria de quem dorme profundamente.

— Será Francillon que está dormindo? murmurou Bosco. Seria então a melhor occasião para acabar com elle.

Acercou-se cautelosamente do adormecido.

Não havia a menor duvida que aquelle que descansava deitado no banco, era o seu perseguido.

Invadiu-o uma enorme satisfação.

A occasião não podia ser melhor.

— Agora me pagará tudo junto, murmurou Bosco, contemplando Sherlock Holmes.

Mas, como se vingaria?

Esteve pensando alguns momentos.

— Devo matal-o com um tiro? disse; tem seus inconvenientes. O tiro fará ruido, e dará alarme. Uma punhalada no coração? E se não morre logo? se desperta com o estalo que a navalha dá ao abrir-se?

«Tudo offerece perigo. E' preciso commetter o crime sem risco de ir parar á prisão.

E enquanto pensava na maneira de executar o seu plano, viu que uma sombra deslizava pelo corredor proximo da cavalleriça.

Aproximou-se á entrada e reconheceu um da companhia japoneza que se distinguia pelos seus trabalhos gymnasticos.

Era um mancebo de desoitto annos, que apezar da sua pouca idade já tinha corrido meio mundo.

Tinha muito boa memoria, como indicava as muitas linguas que fallava. Alem da lingua materna, fallava o francez, o hespanhol, o inglez e o allemão.

Apenas o oriental viu o prestidigitador, este acercou-se-lhe.

Então Bosco disse-lhe em voz baixa:

— Que te traz ao circo, Tuyama, a uma hora tão impropria.

O oriental suspeitou de momento que Bosco trazia alguma coisa contra o adormecido.

— O desejo que o arrasta ao senhor aqui, respondeu o japonex.

— Tens algum interesse particular em auxiliar-me? perguntou Bosco.

— Sim; o senhor sabe que nós não gostamos d'este novo atirador.

«O senhor recorda-se do desaire que elle lhe causou... esta é a melhor occasião para disparar-lhe...

Bosco vacilou alguns instantes se devia fallar e des-

cobrir o seu plano, ou callar-se. Temia que o japonês lhe armasse uma cilada; mas o desejo de aproveitar a sua cooperação venceu-lhe o receio.

—Tens razão, Tuyama, disse o italiano; é esta a melhor ocasião para o que quero fazer... Ninguém nos viu.

«Como o director não ouve nada na cavallariça, não ha receio de que appareça... Pódes estar tranquillo... Pódes disparar.

O japonês pareceu vacillar.

—Mas não vê que a arma fará barulho? exclamou Tuyama.

—Dar-te-hei a minha arma que pouco ruido faz... pódes experimentar e respondeu Bosco.

—Sim, ja sei; já disparei com ella algumas vezes, mas hoje não tenho boa pontaria...

—Tel a-has agora; segue pontualmente as instrucções que te der, disse o italiano.

—Está bem; accedo, exclamou por fim o japonês algum tanto irresoluto.

Bosco affastou-se para procurar a arma, e pelo caminho ia pensando como havia de proceder.

—Logo que dispare, affastamo-nos; se nos encontram, prendem-nos como suspeitos.

O japonês agarrou immediatamente na carabina, e de um ponto distante disparou dois tiros, sem fazer barulho.

Sherlock Holmes despertou de subito sentindo uma forte dôr na sabaça. Era a ferida produzida pela bala que tinha roçado por ella.

Alguns centímetros mais abaixo, e ter-lhe-hia atravessado o craneo matando-o instantaneamente.

Por fortuna estava no circo o seu medico. Ao ruido dos tiros e gritos do ferido, este acudiu ao sitio d'onde saiam os gritos.

—Que lhe aconteceu, senhor Francillon? perguntou ao ver o policia deitado no banco e com a cabeça ensanguentada.

—Creio que se estão passando factos importantes replicou o policia como se fallasse consigo mesmo.

—Metteram-lhe duas balas na cabeça? perguntou o medico.

—Só uma me roçou pelo frontal, produzindo uma pequena ferida.

Em oito dias estará completamente curada.

O medico separou cuidadosamente o cabelo na parte d'onde saia mais sangue e examinou a ferida.

Era de pouca importancia.

Logo que o medico applicou um pequeno penso, disse o policia com impaciencia:

—Venha, senhor doutor, revistar este sitio, a ferida não tem importancia...

E começaram a examinar o local.

Não encontraram nada.

Os creados tinham ido descansar.

Poucos tinham ouvido os gritos do ferido, nenhum ouvira o ruido produzido pela arma.

—Vê este buraco, disse Holmes ao medico, mostrando um que estava precisamente na tangente d'onde estivera a sua cabeça. Pois aqui está a bala.

Tirou uma navalha para extrai-la.

Dahi a pouco tinha-a nos dedos.

Entrára na parede mais de um centimetro.

—Tinha força para varar-me o craneo, exclamou então o policia.

Começou a examinal-a, dando-lhe mil voltas nas mãos.

Depois acrescentou:

—E' um balim. Suspeita, senhor doutor, quem tem no circo uma arma tão leve?

O medico ficou um pouco pensativo e depois respondeu:

—Parece-me que só pode ser o atirador Bosco. Creio tel-o visto já algumas vezes com armas muito aperfeiçoadas.

«Não julga que o italiano tenha disparado o tiro? O policia calou-se por alguns momentos, exclamando por fim:

—Não o creio, senhor doutor.

«Mas rogo-lhe que não manifeste a ninguem as suas suspeitas.

«Quando saiba bem o que succedeu, então lho participarei.

«Que lhe parece a ferida?

—Vou applicar-lhe umas compressas e depois vá descansar.

«Se o incommodarem muito, avise-me logo.

«Agora que a ferida está recente, procure não faticar a cabeça.

«Participe isto ao director.

—Obrigado, doutor. Queira o senhor mesmo dizer-lho, mas atenuo e caso quanto possa.

«Não lhe falle de tiros. Diga-lhe que foi uma queda. O pobre homem ficaria muito nervoso. Ainda está mal reposto do susto que teve com o accidente de miss Lydia.

—Satisfarei o seu desejo, senhor Francillon... Mas não deixe de avisar-me se se sentir peor.

«Agora vou pôr-lhe as compressas.

## V

### O falso noivo

Alem do medico, o ferido e os auctores do attentado, ninguem mais soube do occorrido.

Com muita dissimulação, Sherlock Holmes, no exercicio das suas funcções, ponde inteirar-se de quem poderia ser o dono da arma que disparou o balim, sem fazer o mais pequeno ruido.

Das suas investigações deduziu que era o italiano,

mas não se atreveu a proceder contra elle, já por não ter surpreendido em flagrante, já por ser muito provavel não ter elle disparado, como lhe encontrava o facto da má pontaria, estando tão perto.

Nenhuma suspeita concebeu contra o japonês.

Sherlock Holmes esperou á porta do camarim de miss Lydia, que esta se vestisse com o seu traje ordinario, para lhe fallar.

Quando lhe pareceu que já estava vestida, chamou e entrou.

Foi grande a sua surpresa ao vel-a derramar copiosas lagrimas.

—O que tem, miss Lydia, está triste? interrogou compassivo.

«Está fatigada d'este modo de vida?

«O seu noivo não veio ainda visitá-la? O publico applaudiu-a com mais frieza? está doente?

«Falle, confie-me as suas maguas.

«Estimo a bastante e posso talvez aliviar as suas penas. Conheço muitas coisas, porque tenho visto muito.

Occultou a joven o rosto nas mãos e continuou a chorar.

Vendo que não lhe respondia, disse-lhe commovidamente:

—Não tem confiança em mim, miss Lydia?

—No senhor tenho, respondeu suspirando a joven; mas nem todos os homens são como o senhor.

«Von dizer-lhe tudo.

«Sabe que tinha um noivo e que estavamos proximos a casar; o senhor conhece-o, já o viu algumas vezes...

—Sim, replicou o policia, que lhe aconteceu?

Como resposta a joven tirou uma carta do bolso e entregou-a ao policia, dizendo:

—Leia, e depois diga me se não tenho motivo para me desesperar.

Desdobrou Holmes o papel e começou a ler em voz baixa.

*«Minha presada menina,*

«Não confie muito nas palavras de affecto do seu noivo.

«Fingiu-se doente para a não visitar, nem fallar-lhe, mas não o está.

«Todas as noites fóra de horas vae a um circulo de má fama, onde requesta uma dama que dá concertos.

«A's onze horas poderá convencer-se da verdade do que lhe digo.

*Um amigo verdadeiro.»*

Quando Sherlock Holmes acabou a leitura Lydia olhou-o com os olhos marejados de lagrimas e disse-lhe:

—Que lhe parece esta infamia?

—Julga realmente que o seu noivo faça isso? interrogou o policia.

—Se elle fór fiel ás suas palavras e ás provas de amor que até agora me tem dado, não o julgo capaz de tão incorrecto procedimento.

«Mas os homens esquecem facilmente os seus compromissos de amor.

«Quando a pessoa que escreveu a carta mo diz, é porque é verdade.

—Eu, no seu logar, replicou o policia com toda a serenidade, procuraria encontrá-lo na rua, e fallar-lhe-hia.

«Se está doente, escrever-lhe-hia uma carta muito tranquilla, mas participando-lhe o que lhe mandou dizer este desconhecido. Sem duvida alguma, elle responderá.

«Lembre-se que a carta é anonyma; se fallasse verdade o auctor não se occultava.

—Sairei e vel-o-hei, exclamou resolutamente a joven.

—Pratica uma loucura, replicou com energia Sherlock Holmes.

—Eu não sei se commetto uma loucura; mas que quero collocar-me á porta da casa do meu noivo e vel-o quando sair. D'este modo convencer-me-hei melhor se o anonimo diz a verdade.

—Quer executar a sua atrevida resolução esta mesma noite? perguntou o policia.

—Sim, senhor, agora mesmo; dentro de um quarto de hora saberei tudo, replicou a joven.

«Visto-me de homem, ponho uma barba postica e fico assim completamente desconhecida.

—Digo-lhe, miss Lydia, que se expõe a um grande perigo, replicou o policia.

—Pois acompanhe-me, senhor Francillon; creio que não ha agora nada que fazer.

—Bem, acompanhal-a-hei, mas não se fie de estar muito proxima de mim, respondeu o policia.

«Não podemos sair juntos do circulo; ha perigo que nos vejam abandonar os dois o estabelecimento.

—Sairei só, exclamou a joven; mas não comprehendo o motivo do seu receio...

«Sabe onde é a casa do meu noivo?

—Sim, sei, respondeu Sherlock Holmes.

«Mas permita-me uma pergunta.

«Ouvi dizer que vae mudar breve os seus numeros; creio que fará novos exercicios com Alli?

—Assim é, disse a artista. No sabbado farei um numero novo. Vou dizer-lhe confiadamente em que consiste.

«Ali faz coisas admiraveis; subirá e descerá uma escada apoiada no meio em um suporte. N'esta parte está o mais perigoso do numero. Não dura mais que uns segundos este passo arriscadissimo.

«Executei-o a sós com o cavallo e sai-me bem.

—Creio que a senhora expõe muito a sua vida, disse o policia.

—Que quer que lhe diga, replicou a artista. O publico quer coisas novas e que lhe prendam a attenção, do contrario não frequenta o circo, nem nos applaude.

«Temos de ganhar reputação, e esta só se consegue com exercicios perigosos, com risco de vida...

«Mas já é tempo de irmos, senhor Francillon.

Sherlock Holmes afastou-se e dirigiu se ao seu quarto para sair á rua, enquanto miss Lydia se disfarçava de home.

Ninguém teria descoberto sob a barba postiça, o chapéu, as calças e o jaquetão a formosa e elegante joven que tantos applausos colhia no circo.

A casa do noivo era perto. A joven collocou-se em frente da porta.

Ao darem as onze horas na torre de Santo Estevão, abriu-se a porta e um homem saiu para a rua.

—E' elle! murmurou a joven, alegre com a sua descoberta.

«Realmente atraiçoa-me! tantas vezes que juro amar-me!... é um malvado!

«Quero segui-o até onde fór; terei occasião de deitar-lhe em rosto o seu negro procedimento.

Mas ante o sentimento de se ver abandonada, começou a chorar, sem todavia desistir de segui-o.

O infame noivo levava a golla do sobretudo levantada para não ser reconhecido.

D'este modo os dois percorreram uma grande distancia com passo apressado.

Pouco depois entrou o noivo em um restaurant seguido sempre de miss Lydia.

Ninguém a reconheceu.

Sentou-se ao canto de uma mesa e poz-se a observar o que elle fazia.

Viu que elle se approximava de uma dama e lhe fallava ao ouvido ternamente.

Quando viu que se afastavam d'ali pelo braço um do outro, o coração da joven batia com tanta violencia, que parecia prestes a estalar.

N'isto, o amoroso par entrava em um gabinete reservado.

A p-obre joven estava como louca, não sabia o que lhe succedia.

Acercou-se da porta do gabinete e viu que já estava fechada.

No seu desespero, sem mesmo saber o que fazia, começou a dar pancadas na porta, com a força que lhe dava a sua justa ira gritando ao mesmo tempo.

—Abre desalmado, ingrato.

Immediatamente se lhe acercoo um creado que lhe disse:

—Porque está fazendo tanto barulho?

—Porque aqui dentro está fechado o meu noivo...

O moço e quantos a ouviram, fiocaram de bocca aberta.

Todos estranhavam que um homem fallasse do seu noivo.

—Um atrevido, nunca faltam em taes centros—, suspeitou immediatamente quem era, e com a maior indelicadeza arrancou a barba ao supposto cavalheiro, apparecendo um lindo rosto de mulher.

Retumbou então uma estrondosa gargalhada; ella ficou envergonhada e quiz fugir.

Alguns atrevidos mancebos levantaram-se das mesas, e apressaram se a cortar-lhe o passo ou á seguil-a.

Quando saía da casa os mancebos seguiram na. A sua situação era verdadeiramente angustiosa. Então appareceu um homem alto, magro, de feições energicas.

Immediatamente a joven lhe lançou um olhar penetrante, exclamando;

—Graças a Deus que está aqui! Morreria de paixão, se aquelles patifes me tomassem á sua conta.

E em poucas palavras lhe referiu o que se tinha passado.

Ao verem Sherlock Holmes, os atrevidos rapazes entraram de novo no restaurant.

—Quantos desgostos e receios passei esta noite! disse a pobre joven.

«Entrei em uma casa de má fama e estive quasi a ser insultada!

«E tudo por aquelle homem a quem tanto amei, a quem jurei fidelidade, e que tanto me amou n'outro tempo...

«Quem sabe quanto tempo me tem enganado com uma mulher pouco digna!

Sherlock Holmes sorriu-se ao ouvir esta ultima declamação contra o noivo que a abandonava.

«Ella olhou-o surprehendida e acressentou:

—Não vejo que a minha desgraça seja motivo para rir-se.

—Sim, riu-me, mas da sua facilidade em acreditar nas apparencias; a senhora está devorada pelos ciúmes, e por isso não teve a serenidade sufficiente para pôr-se em guarda.

«Como sei que não me acredita, quero que se desengane pelos seus próprios olhos.

«Emquanto no restaurant a senhora batia á porta do gabinete e fallava com o moço, eu sai do estabelecimento, deslizei pelo jardim e subi á janella d'esse gabinete; conheci então quem era o seu supposto noivo.

E pegando-lhe na mão levou-a na direcção do jardim, enquanto ella lhe dizia, sempre ciumenta:

—Mas viu-o bem claramente?

—Sim, muito bem.

E collocando-se debaixo da janella do gabinete, disse:

—E' esta a janella do quarto onde entrou o par que lhe fez perder o juizo.

«Promette-me não dizer nada do que veja, se lhe mostrar os que estão no quarto?

—Sim, prometto, respondeu Lydia.

—Bem; subirá então sobre os meus hombros, fixa-

rá bem a cara do seu pretendido noivo, descerá e não fallará mais n'este assumpto, disse o policia.

—Conformo-me com tudo; não tenha o menor receio, senhor Francillon; convencer-se-ha que sei guardar um segredo apesar de ser mulher.

Inclinou Holmes um pouco a cabeça sobre a parede ficando com as costas um pouco curvadas. Então miss Lydia trepou, pondo-se de pé sobre os hombros, e esteve mirando atravez dos vidros o rosto do homem que estava dentro.

Pouco depois descia sem dizer uma palavra.

Quando se afastaram do jardim e do restaurant, disse o policia:

—Falle, o que viu?

Olhou silenciosamente a joven para o policia durante algum tempo, respondendo por fim, ao mesmo tempo que lhe dava um terno abraço e um carinhoso beijo:

—Permitta-me mostrar-lhe d'este modo o meu maior reconhecimento pelo beneficio que acaba de me fazer tirando-me da illusão em que estava.

«Devolveu-me a felicidade e a vida...

«Que desgraçada não seria se o senhor não estivesse a meu lado!

«Sinto que Armando aqui não esteja para lhe pedir perdão do mal que pensei a seu respeito.

—Assim, reconheceu quem era? interrompeu Sherlock Holmes.

—Não podia ser outro senão esse malvado, disse a formosa joven.

«Como pude eu acreditar?

«Era o barão de Concourt, e certamente foi elle o auctor da carta anonyma.

«Mas como imitava tão bem os ademanos e o andar de Armando!

«Mas como poudes obter o sobretudo? Este homem é um perfeito demonio! Pretendeu matar-me por meio dos ciumes e fazer com que rompesse com Armando; e se não fôsse o senhor, teria conseguido o seu fim.

«Se estivesse sempre a meu lado, o senhor seria o meu bom conselheiro.

«O meu pobre Armando está doente e não suspeita que fui tão injusta para com elle.

—Deixe correr os acontecimentos e proceda como se nada se tivesse passado, replicou o policia.

«Se diz alguma coisa ao seu noivo, tira-lhe a tranquillidade e augmenta-lhe o mal.

«Eu tomarei o barão á minha conta.

—Bem; farei tudo o que quizer, exclamou a joven! tenho plena confiança no senhor, como não tenho em outro homem no mundo.

—Proceda como lhe disse miss Lydia, e esteja tranquilla a respeito de tudo quanto se passou.

«Mas esteja precavida para o perigoso exercicio de sabbado.

—Parece que tem mais cuidado do que eu, repli-

cou rindo a joven. Não tenho o menor receio de que me succeda qualquer desastre.

«Ali traballia com muita firmeza.

—Desejo que tudo corra o melhor possível; mas esteja muito prevenida e acatutelada.

O acrobata Armando, retido em casa por subita indisposição, ignorava esta vil intriga preparada pelo barão de Concourt com o fim de excitar os ciumes da bella artista, conseguindo por este meio um rompimento entre os dois amantes.

Amava profundamente Lydia e estranhava que ella não tivesse mandado saber noticias, como todos os dias fazia mais de uma vez, porque a artista, respeitadora do decoro que a si mesma devia não ia ver o seu futuro noivo.

Inquietava-o pois este esquecimento da parte da sua noiva.

Estava já para mandar o seu creado a casa de Lydia pedir informações, quando alguém lhe bateu á porta.

Chamou o creado para ir vêr quem era o visitante.

Este veio informal-o que era um cavalheiro que desejava fallar-lhe, e que parecia bastante excitado.

—Não disse o nome? perguntou o artista.

—Não, senhor; apenas disse que annunciasse um amigo do senhor, e que tinha uma comunicação urgente a fazer-lhe.

—Quaes são os seus signaes?

—É um cavalheiro de barba crescida e bastante sympathico.

—Não me recorde de quem seja.

«Manda-o entrar e acompanha-o até aqui.

Momentos depois o visitante, precedido pelo creado, entrava na sala em que Armando se encontrava recostado sobre um divan.

O aposento estava envolvido em uma certa obscuridade, pois os reposteiros das janellas estavam corridos para quebrar os raios solares que aquella hora batiam sobre as janellas.

Por esta circumstancia não poudes Armando conhecer Lydia, que era o mysterioso visitante.

Ficou pois bastante surprehendido quando viu que o estranho visitante mandou sair o creado indo em seguida fechar a porta.

Quando se voltou, tinha já arrancado a barba e arrojado ao chão a capa que o envolvia.

Não se descreve a surpresa e admiração de Armando, quando reconheceu no extranho visitante a sua noiva.

Levantou-se do divan e agarrando nas mãos da linda artista, interrogou ansiosamente e em voz que revelava toda a sua paixão:

—Lydia, pois és tu?

«O que se passa para vires a minha casa com esse disfarce e de uma maneira tão inesperada e imprevisita?

A linda artista notavelmente commovida apenas poud murmurar estas palavras:

—Perdão, Armando, perdoo-me.

E caiu sobre o divan tomada subitamente de uma crise de lagrimas.

O assombro de Armando cada vez era maior, e sentando-se a seu lado, tomou-lhe a formosa cabeça e encostando-a sobre o peito:

—Mas por Deus, Lydia, diz-me o que tens, porque choras. Que dôr te oprime a alma, minha bem amada? Que tenho eu que perdoar-te, querida?

E beijou a nos olhos, n'aquelles formosos e languidos olhos, ainda perlados por aquellas lagrimas ao mesmo tempo de remorso e felicidade.

Então, esboçando um sorriso em que transparecia toda a ventura que lhe ia n'alma, lançou os mimosos braços ao pescoco do noivo, e n'uma voz cariciante e meiga como o gorgoejo do colibri, disse:

—Oh! Armando, meu bem amado, venho pedir o teu perdão, porque hoje estive prestes a commetter para contigo a maior das injustiças, e o amor, que n'este momento, sinto reviver mais intensamente, esteve quasi a transformar-se em odio.

Armando não sabia que pensar, e mais surpreendido ficou, quando ella soltando os braços do apaixonado amplexo, se levantou, e com os olhos chammejantes e os labios contraidos n'um rictus de odio e energia selvagem exclamou:

—Oh! e não ter eu forças para arrastar o miseravel até junto de ti, e obrigar-o a pedir-te perdão, de joelhos.

«Não poder eu arrastal-o ao pelourinho da ignominia e apontal-o á sociedade como um infame indigno de ser seu membro!

Armando sentia-se verdadeiramente assustado ao ver aquella rapida transição, e a transformação d'aquella mulher que elle sempre conhecera meiga e docil, em um outro ente de sentimentos completamente opostos, em uma leão a quem tivessem roubado os filhos durante a sua ausencia.

Desde remotissimas eras a mulher tem sido o thema constante dos mais mimosos poetas, dos mais profundos pensadores.

Anjo ou demonio a mulher encontra na sua propria fraqueza armas poderosissimas para conseguir um fim.

Assim como um raio de sol vivifica a florinha dos campos, cuja corola beija a terra, após furiosa tempestade; um olhar de mulher, uma palavra apenas bastem para encorajar ao espirito mais abatido, para levar o balsamo da esperanza ou da resignação ao cogitação mais açoutado pelo vendaval do soffrer.

E' assim a mulher. Capaz da mais sublime dedicação, dos mais heroicos sacrificios: mas tambem, que anomalia! capaz dos odios mais profundos, das mais requintadas vinganças.

Assim como o tigre esconde as mortíferas garras sob o pello avelludado da sua possante pata, quando em estado de quietação, um sorriso, um olhar vellado por longas e sefinadas palpebras, escondem um mundo de tempestades em um coração de mulher.

E ai d'aquelles a quem o raio alcança; porque, se na dedicação, no amor, attinge o sublime; no odio, a mulher toca as raias do horrivel.

Quando se dirá, porém, a ultima palavra que define á sacedade este ente que Deus collocou ao lado do homem para suavisar-lhe os travores da vida?

Quando se dirá a ultima palavra sobre este ente meio céu, meio terra, que volteia sobre nós, e nos lança na alma um balsamo com o seu angelical sorriso, e com o mesmo nos dilacera muitas vezes o coração?

Mysterio!

Como mãe, como esposa, como amante a mulher que desempenha a missão para que Deus a creou, e espalha sobre nós os thesouros de amor e abnegação que no coração encerra, tem incontestavel jus a que lhe tributemos toda a nossa veneração, todo o nosso amor, e que no intimo da nossa alma lhe elevemos um templo: é emfim, para a humanidade uma como Vice-Providencia.

Não sabemos se Armando fez estas considerações ao encarrar a segunda phrase sob que a sua noiva n'esse momento se lhe mostrava.

Que estava cada vez mais surprezo é evidente, e chegou mesmo a julgar que a bella artista tinha enlouquecido.

Emfim, acalmada um pouco a excitação que a invadira, serenou, e com voz ainda um pouco tremula, contou ao artista tudo o que se passára, desde que recebera a carta anonyma do infame barão, e a intervenção do genial policia, que tão oportunamente lhe mostrára a cilada em que tão ingenuamente tinha caido.

E concluindo acrescentou:

—Podes calcular os meus remorsos por ser tão injusta para contigo.

«Por isso vim procurar-te para te pedir perdão e contar-te toda a verdade.

E n'um movimento involuntario, irreflectido tomou a cabeça do noivo nas pequeninas mãos e deu-lhe um longo e calido beijo.

Armando sentia-se feliz e retribuindo a caricia da formosa joven, disse:

—O meu perdão, querida, recebeste-o no beijo que da alma me subiu aos labios.

«O plano do nosso inimigo estava tão bem combinado, era tão machavelico, que um homem cairia na cilada, quanto mais uma mulher inexperiente e ingenua.

«Mas esse homem infame, esse barão de contrabando, que, para conseguir fins inconfessáveis se acoberta com o anonymato, hade pagar caro a sua infamia.

— Não, Armando, não quero que provoques esse homem. Um presentimento me diz que a sua aproximação nos será fatal.

«Alguem segue todos os seus passos e estou certa que hade conseguir captural-o e entregal-o á justiça.

— Não quero contrariar-te, mas seria melhor que eu o inutilisasse de fazer mal.

«No entanto não podes impedir-me de velar pela tua honra e pela tua vida.

«Quem tem um thezouro tão precioso, deve guardal-o bem.

A joven sorriu e despedindo-se do noivo, saiu dirigidamente para um trem que a conduziu a casa.

## CAPITULO VI

### Instinctos depravados

Na manhã de sabbado, todos os artistas do circo começaram a exercitar-se nos numeros que tinham de apresentar.

Entre elles contava-se miss Lydia.

Tinha levado a sua audacia a pôr uma escada dupla.

Em todo o dia o policia não parava de ir ás cavallarias e cocheiras onde estavam os instrumentos que deviam servir para o espectáculo; redobrava de vigilância para que não pudessem fazer uma patifaria á joven artista.

Antes de começar o espectáculo estava a casa completamente cheia.

Representaram-se os primeiros numeros e chegou a vez de miss Lydia.

A orchestra começou a tocar e entretanto dispunham as escadas e o sdemais aprestes para o perigoso exercicio.

Sherlock Holmes viu como procediam a este trabalho, lançou a vista por todos os lados para ver se descobria Bosco, mas não o viu em parte alguma.

Ao sentir-se no circo o relinchar de Ali houve geral expectação; detraz d'elle ia miss Lydia, vestida não de jockey como nos outros dias, mas de bailarina.

Den algumas voltas a cavallo, emquanto dois clowns faziam alguns numeros engraçados.

A artista estava muito satisfeita; esperava um novo triumpho, e não tinha o menor receio.

No momento de começar o perigoso numero, voltou Holmes a acercar-se da escada olhando-a fixamente.

De repente fez um movimento com a cabeça; não lhe agradou a dupla escada.

Além d'isso tinha notado no solo serradura, que tinha caído da escada por causa do vai-vem produzido ao collocarem na, o que fez suspeitar ao policia que alguma coisa de grave havia.

A artista já subia a escada montada no seu cavallo Ali, ouvindo se um pequeno estalido.

—Para traz! para traz! gritou o policia assustado; a escada foi cerrada por um malvado.

N'aquelle momento estava Ali no ponto culminante da subida, no ponto mais perigoso e tinha que descer.

Ouviu-se de repente o estalar de uma coisa que se parte... um grito aterrador da artista, seguido immediatamente de milhares de vozes de espectadores que gritavam; por fim o ruído d'um corpo pesado que cae desamparado por terra.

As mulheres e as creanças choravam, os homens queriam saltar para a arena; o aspecto do circo n'aquelle momento era indescriptivel.

Os empregados do estabelecimento foram os unicos que conservaram sangue frio e presença de espirito; uns apressavam-se em socorrer miss Lydia, outros em tranquillisar o publico, dizendo-lhe que não havia sido nada, que já tinha passado o perigo, que a artista nada tinha soffrido.

A escada partida, ao cair, tinha attingido um infeliz clown, que recebeu um golpe na cabeça e caiu sem sentidos.

Que tinha acontecido a miss Lydia?

Tinha caído sentada sobre o cavallo, e recebera uma pancada tão forte que jazia no solo como morto.

Tomaram-na nos braços, levaram na para o quarto e foram chamar o medico.

Este apresentou-se em casa de miss Lydia e disse que recolhessem tambem o clown que parecia estar morto no meio do circo.

—Meu Deus! Quantas desgraças esta noite! exclamou o director. Tambem morreu o pobre Fili.

«Que quer que diga ao publico, senhor doutor?

Desapertou o medico os vestidos da artista, auscultou o peito, examinou os ossos e a cabeça, e respondeu:

—Póde dizer ao publico, que miss Lydia, com toda a certeza, está salva de perigo.

—Posso dizer que não lhe aconteceu nada, alem do susto?

—Isso não, respondeu o medico: pois ainda que é certo que não recebeu nenhuma contusão mortal, todavia receio que tenha recebido uma forte perturbação organica, da qual se curará só depois de muito tempo; e não seria de admirar que ficasse invalida para estes exercicios.

O director apresentou-se ao publico e declarou o que o medico lhe dissera.

Depois foi procurar Sherlock Holmes e encontrou-o nas cavallarias.

—Como succedeu esta desgraça, sr. Francillon?

perguntou o director. Não suspeitou de nada antes do espectáculo?

— Não, senhor director, respondeu o genial policia. Momentos antes de espectáculo estive na cavallaria e dependencias e não vi serradura, o que não me teria passado despercebido se a houvesse.

«O malvado corrou a escada momentos antes de ser collocada no centro da arena.

E poz-se a olhar com attenção a serradura.

— Que procura, sr. Francillon?

— Não procuro nada; já encontrei, respondeu o policia apresentando aos olhos do seu interlocutor um pedaço de um avental que o criminoso tinha cortado com a serra.

Depois acrescentou:

— Isto mostra-me que o criminoso pertence ao circo, pois atreveu-se a empregar a serra e o fato proprio do trabalho.

«Não quero dizer que trabalhe isoladamente; está, sem duvida combinado com o barão de Concourt.

— A quem se refere dos creados do circo? perguntou o director olhando para o policia.

— Refiro-me a Bosco.

«Aproveito agora a occasião para lhe dizer que a pancada na minha cabeça foi uma ferida feita com a arma d'esse patife, posto que não fôsse elle quem disparou o tiro.

«Emfim, o rato hade cair na ratoeira, e não lhe valerão desculpas nem mentiras.

«Se quizer, vamos a casa do prestidigitador.

Ambos se dirigiram para lá; não encontraram nada; a casa estava na maior desordem.

— Que significa isto? exclamou o director percorrendo a casa com a vista logo que entrou.

— Isto significa que chegámos tarde e que o passaro voou para terras mais quentes.

«Não podemos deixar de participar isto á policia, disse Sherlock Holmes.

E começou a revistar a casa para encontrar a serra, mas foi trabalho inutil.

Procurou o avental, e depois de muito olhar para todos os lados, viu uma bilha cheia d'agua.

O policia pegou n'ella e despejou-a saindo aos poucos pedaços de panno meio queimado, mas que ainda se conhecia que era azul e da mesma qualidade que o que tinha encontrado na cavallaria.

— Veja, exclamou cheio de alegria o policia, o avental azul; não queria deixar rasto, mas não o consegui; a propria tentativa frustrada de anniquillar esta prenda, é a melhor prova da sua culpabilidade.

O director chamou n'este momento o commissario de policia.

Ainda não tinha passado um quarto d'hora, e já era do dominio publico a fuga de Bosco e a sua suposta complicitude no crime d'aquella noite.

A roda do guarda-roupa estavam os artistas falando e commentando o desastre; alguém disse que an-

tes de começar o espectáculo tinha visto Bosco fallar com um homem; os signaes d'este coincidião com os do barão de Concourt.

N'este momento saia do quarto da joven artista o medico, mostrando-se muito satisfeito.

Todos os artistas o rodearam; conheceu os seus desejos e adeantando-se, disse:

— Posso participar-lhes, senhores, que miss Lydia já recuperou os sentidos.

— Graças a Deus, exclamaram todos.

— Soffreu alguma lesão grave? perguntou um.

— Não partiu nenhum membro, disse o medico.

«O proprio cavallo a protegeu na queda. Agora carece de descanso e socego; com isto se restabelecerá.

«Creio que podemos esperar confiadamente que não ficará impossibilitada, como receei de momento, mas que poderá continuar os seus exercicios.

Foi grande a alegria de todos, pois que a estimavam muito.

Em uma casa afastada dizia o director Angelo ao grande criminalista:

— Julga, sr. Francillon, que Bosco e o barão não deixarão de proseguir nos seus intentos criminosos?

— Não o creio, respondeu o policia.

«Não deixarão de proceder até que tenham conseguido o seu criminoso intento, ou até caírem nas minhas mãos, mas espero que se dará este ultimo caso.

— Não posso abrigar a esperanza de o senhor ficar por mais algum tempo no circo? exclamou o director, quer ficar ao nosso lado?

— De bom grado ficaria, replicou o policia; mas só vivo bem em Inglaterra.

«Todos os dias recebo cartas de Londres e de Paris instando para que vá...

— Ah! exclamou o director. Agora me lembro que tenho duas cartas para si. Foi tão grande a minha impressão pelo que aconteceu esta noite, que me tinha esquecido completamente d'ellas.

Entregou-lhas.

Holmes rasgou o sobrescripto e passou rapidamente a vista pelas poucas linhas que continham.

Quando as dobrou o director disse-lhe:

— Ainda lhe dão pressa?

— Estas não me dão pressa; trazem boas noticias.

«Escreve-me o meu joven ajudante Harry Taxon dizendo me que o barão Concourt é um evadido do carcere de Sing-Sing de Nova York, por crimes de falsificação e roubo! Diz-me tambem que a pulseira que offereceu a miss Lydia, e que ella lhe devolveu, tinha sido roubada em Paris á cantora Rusini que foi assassinada.

«Esta narração é confirmada pela policia.

«Já vê que grande criminoso é este barão de Concourt.

«Estou persuadido que logo que saiba que miss

Lydia não morreu, se afastará de Vienna e preparará um novo plano de vingança contra a sua vida.

«Não deixo Vienna até que tenha o criminoso em meu poder.

## CAPITULO VII

### O testamento da mãe

Decorreram algumas semanas depois da ultima desgraça, e novamente se apresentou ante o publico vienense, robusta e sã, a formosa artista Lydia.

Mas era grande a vigilancia que sobre ella exerciam o policia e o director.

Não empregava para os seus exercicios nem sella nem qualquer outro objecto, que não fosse minuciosamente examinado por aquelles seus dedicados amigos.

Nada indicava que estivessem em Vienna, ou nas cercanias Bosco nem o supposto barão.

Uma manhã apresentou-se miss Lydia muito impressionada ao director Angelo e pediu lhe que a dispensasse dos ensaios, porque tinha que sair.

—Onde quer ir, miss? perguntou elle, admirado.

—Recebi ha uma hora uma carta do notario Winterstein que habita em Albrechtgasse, 15, respondeu a artista, na qual me diz que me espera no praso de um dia para me dar noticias que me interessam.

—Viu a guia dos notarios de Vienna? perguntou o policia que estava presente.

«Sabe se entre elles está o nome de Winterstein?

—Não vi, respondeu espantada a joven.

Holmes encolheu os hombros e pegou na guia de Vienna, exclamando:

—Nunca são de mais a vigilancia e a prudencia.

Depois de alguns momentos disse em voz alta:

«Winterstein, advogado e notario Albrechtgasse, 15».

E fechando o livro, acrescentou:

—Realmente existe em Vienna esse notario.

«Convem, todavia que estejamos seguros de tudo,

«Telephonaremos a esse senhor, e perguntar-lhe-hemos se escrevem a miss Lydia e se tem a comunicar-lhe alguma coisa importante.

Lego que a miss esteve em communicação com o notario, disse-lhe este que tudo era verdade e que fôse quanto antes a sua casa.

A artista disse a resposta a Sherlock Holmes e acrescentou:

—Que lhe parece, senhor Francillon?

—Pode ir, miss, visto terem que lhe dar noticias importantes.

—Que alegria vou ter hoje! exclamou a artista, e foi vestir-se para sair.

A' porta do circo tomou um trem, que a levou a casa do notario.

Subiu alegremente as escadas da casa, e bateu á porta sem conter a respiração.

Veio abrir um joven que lhe disse com muita amabilidade apenas a viu:

—E' miss Lydia, a distincta artista.

—Sim, senhor.

—Queira entrar.

E conduziu-a pelo corredor ao escriptorio do notario, em cuja ante-sala lhe disse:

—Tenha a bondade de sentar-se, vou chamar o senhor doutor.

Depois de esperar pouco tempo, appareceu o notario que a convidou a entrar no escriptorio e a sentar-se.

Abriu uma caixa e tirando um sobrescripto lacrado, disse:

—Vê isto, miss? é o testamento que por enquanto se hade conservar fechado. Disse-me a pessoa que o escreven, que tivesse a bondade de mostrar-lh'o.

—E quem é essa pessoa?

—Uma velha e elegante senhora, cujo nome não posso dizer,

—E porque não posso saber esse nome? replicou Lydia.

—Não posso dizer-lho: a dama que não quer que eu o publique, é porque tem motivos para isso.

«Mas se n'isso faz muito empenho pôde sabel-o esta tarde.

—Poderei fallar esta tarde com a dama?

—Pode. Conhece o bairro de Baden?

Lydia fez um gesto affirmativo.

—Pois bem; vá a Wernsdorferstrasse, numero 21; é uma elegante villa; vive ali a dama com os seus creados.

—Conhece a villa? perguntou Lydia; já lá foi alguma vez? E' minha parenta? Será minha mãe?

—Querida menina, não posso descobrir-lhe o segredo; só lhe direi que os traços do seu rosto, tem grande semelhança com os d'essa senhora.

«Não posso acrescentar mais.

Levantou-se vivamente excitada miss Lydia e disse commovida:

—Agradeço-lhe do coração as noticias que acaba de me dar.

E saiu de casa do notario.

—Pobre pequena, como vae enganada!

«Procedi mal em cooperar nos infames designios do senhor. . .

Entretanto estava Lydia a caminho do circo, ansiosa por poder decifrar o enigma que acabavam de apresentar-lhe, e alegre por suspeitar o que era.

Quando chegou, a primeira pessoa que viu foi mister Francillon; que lhe disse:

—Muito boas noticias lhe deu o notario, para vir tão contente.

—E' verdade; estou muito satisfeita, porque voltarei a ver e abraçar minha mãe.

—Viu-a em casa do notario?

—Não, senhor; em casa d'este só vi o sobrescripto que contém o testamento.

—Então o notario só lhe mostrou o testamento? Nada mais; mas disse-me que lh'o tinha entregado uma dama, que me estima muito e que vive em uma villa...

—Sua mãe vive em uma villa de Viena?

—Não em Viena, mas em Baden Wernsdorfers-trass, 21; vive só com os creados.

«Agora vou ao meu camarim.

—Pensa ir ver hoje sua mãe?

—Sim, senhor, ás quatro da tarde é a melhor hora, respondeu a artista. Que lhe parece?

—Sim, tudo o que a torne feliz me enche de satisfação.

Pouco antes da hora em que tinha resolvido sair, foi participal-o ao director. Ao tempo de se despedir, disse lhe este:

—Chegará a horas do espectáculo, miss Lydia?

—Certamente, fique tranquillo, senhor director. O meu numero é o segundo; esse tempo já cá estarei.

—Lembre-se que esta noite é de grave compromisso; já sabe que se realisa hoje a aposta entre mister Francillon e algum espectador para ver qual dispara maior numero de tiros em um minuto.

—Justamente por este motivo não deve faltar.

«São mil marcos de aposta.

—Não lhe dê cuidado; não faltarei. Adeus.

Entregue aos seus pensamentos aproximou-se da villa designada pelo notario como sendo a residencia de sua mãe.

Acerroou-se da porta e bateu.

Esta abriu-se, mas não viu ninguem, transpoz o humbral e a porta fechou-se atraz d'ella sem ruido.

Ao lado direito, proximo da entrada, havia uma porta aberta que dava para uma casa; ouviu ruido dentro e aproximou-se.

Miss Lydia entrou; tambem ali não havia ninguem. Depois de muito esperar viu que entrava uma senhora ainda nova.

—Não pode ser minha mãe, disse, sem lhe ter visto bem o rosto.

Levantou-se n'aquelle momento para ir ao seu encontro, quando... de repente deu um grito atarrador...

Em logar da mãe que esperava estreitar nos seus braços... estava deante d'ella um malvado... o barão de Concourt.

E antes que pudesse repôr-se do seu assombro, o infame estreitava-a nos braços, enquanto lhe dizia rindo, olhando para o seu fato de mulher que lhe caíra no chão:

—E' uma surpresa... não é verdade que não a esperava?

—Não se aproxime, não me toque, exclamou a joven colerica; do contrario grito por soccorro.

Lydia fez um gesto de se querer dirigir para a janella, mas o seu perseguidor impediu-a; correu para a porta por onde tinha entrado e achou-a fechada.

—Querida Lydia, disse rindo o malvado, está como e passaro na gaiola, não pode fugir.

A pobre Lydia conheceu que estava perdida e que não podia libertar-se das mãos d'aquelle patife.

Ouviu passos na rua, aproximou-se da janella para pedir soccorro, mas o barão affastou-a violentamente.

Deu então um profundo suspiro como se tivesse perdido a esperanza de salvar a sua honra e disse por entre lagrimas:

—Canalha, julgas que me escapas? gritou o barão.

Agarrou-a pelos braços e affastou a da janella.

Lydia resistia com as mãos, com os pés...

De repente ouviu-se um barulho detraz da porta seguido de uma voz varonil, que dizia com energia:

—Falsificador, seductor, ladrão, assassino! findou o teu papel, de barão de Concourt.

«Reconheces-me? Recordas-te do policia que ha dez annos te perseguiu em Londres?

«Emendaste-te depois que saíste de Sing-Sing? Não.

—Sherlock Holmes! exclamou o criminoso, assombrado. Sherlock... Holmes... aqui!

—Sim, o atirador do circo, mister Francillon.

«Pagarás os teus crimes na guilhotina.

O criminoso, que desde o principio tinha largado a sua presa, olhava tresloucado pela casa; de repente deu um salto para uma porta que dava para outra casa e tentou fugir.

Mas o policia agarrou-o com a grande força de que dispunha.

Quando já o tinha sem movimento, sentiu que alguem o segurava pelas costas.

Teve que largar o primeiro, para lutar com o desconhecido que o segurava por de traz.

O barão gargalhava, exclamando:

—Pensava o oanalha que me apanhava desprevenido! Triste desillusão!

E foi para ajudar o companheiro; mas como o genial policia tinha uma das mãos livre, deu tão violento murro na cabeça do barão que o deixou atordado e sem vontade de voltar ao combate.

A lucha entre o desconhecido e Sherlock Holmes foi breve; o policia ponde finalmente soltar-se-lhe das mãos, lançou-se com todo o impeto sobre elle e deitou-o por terra.

O barão fugiu apenas viu o seu companheiro vencido.

Holmes olhou para a cara do seu contendor e exclamou cheio de alegria:

—Mostre a cara, senhor Bosco, e tire a mascara.

Pode agora voltar ao circo e serrar escadas com um avental azul...

Inclinou-se para o chão e ligou-lhe as pernas e as mãos.

Voltou-se rapidamente para Lydia e disse-lhe:

—Volte immediatamente para Viena e diga ao director Angelo que não posso assistir á representação; pois devo perseguir o criminoso e supposto barão: creio que ainda estará em Baden.

## CAPITULO VIII

### Nos ultimos instantes

N'aquelle momento já tinha principiado o espectáculo no circo e já lá tinha chegado miss Lydia para desempenhar o seu numero.

A artista communicara ao director que mister Francillon não se apresentaria para a aposta, porque andava perseguindo o criminoso assassino.

Era um contratempo muito serio para o director; foi immediatamente ao telephone e indagou quem poderia substituir o grande criminalista para levar a aposta ao fim.

Pouco antes de apresentar-se o numero da aposta, appareceu um cavalheiro que se offereceu para disparar os tiros e desafiar qualquer espectador.

O director olhou o com alegria e exclamou:

—Graças a Deus que saio bem da minha palavra!...

«Mas diga-me, o senhor está certo de obter o triumpho?»

—Tão seguro, que, se perder, pago a aposta do meu bolso; aqui tenho a arma— e apresentou-a.

Chegado o numero, apresentou-se no meio do circo levando ao lado miss Lydia que ia entregar-lhe as balas.

Depois de a orchestra tocar um pedaço, parou para dar logar ao exercicio.

Deu o cavalheiro os primeiros tiros, muito seguidos, e com boa pontaria; o terceiro desviou-se muito

o pulso...

A artista estava ao lado, mas adiante. O quarto desviou-se mais...

De repente precipitou-se um homem no meio do circo, gritando com toda a força.

Interrompeu-se o exercicio, sobresaltou-se o publico e, quando maior era a expectação, disse o recém-chegado com muita calma, segurando pelos hombros o atirador:

—Senhores, por pouco que não são testemunhas de um assassinato: o homem que tenho nas minhas mãos é um criminoso, evadido do presidio. E' falsificador, ladrão e assassino.

«Faz-se passar por barão de Concourt, quando não é mais que um plebeu chamado Walsh.

«Persegui-o por muito tempo em Inglaterra, hoje prendo-o em Viena.

«Os senhores reconhecem-me por mister Francillon, atirador do circo, mas o meu verdadeiro nome é Sherlock Holmes, policia...

Não se descrevem os applausos e a admiração que estas palavras produziram.

Walsh foi enviado para Paris, onde o executaram; Bosco foi condemnado em Viena a muitos annos de presidio.

No mesmo dia da prisão de Walsh, escrevia Sherlock Holmes ao seu ajudante Harry Taxon:

«Meu caro Harry,

«Acabo de obter um grande triumpho que me enche de satisfação; capturei o assassino de Rudini o qual tantas vezes tentou matar miss Lydia, a quem tive a felicidade de salvar a vida».

*Sherlock Holmes.*

FIM

Ler no proximo numero:

# DUPLO ASSASSINIO

*Aventuras extraordinaria d'um policia secreta*

# OS DESEQUILIBRADOS DO AMOR

Série de romances psycho-pathologicos

(Por Arnaldo Dubarry)

O Amor nas suas diversas manifestações, regeu, rege e regerá perpetuamente o mundo. Provam-no o estudo das civilizações antigas, os costumes, as crenças e as tradições de todos os povos até á actualidade e a nos a vida contemporânea.

E tudar as aberrações a que as paixões desvaídas conduzem os humanos, tal foi o intuito do auctor ao escrever a série de romances psycho-pathologicos que se borinhou no titulo geral *Dessequilibrados do Amor*, e nos quez os vicios contra natureza, o hermaphrodisimo, a hysteria, a depravação e assumptos analogos são tratados com mão de mestre.

Dos *Dessequilibrados do Amor* acha se publicado o primeiro volume:

## O Feticchista

Devendo seguir-se a este interessante romance sobre uma das mais repugnantes manifestações da lubricidade, os seguintes, já no prelo:

- Os Invertidos
- ◻ Hermaphrodita
- ◻ Hysterica
- ◻ Flagellantes, etc., etc.

# 500

Preço de cada vol. edição de luxo, nitidamente impressa em bom papel

◆ REIS ◆

# Aventuras de LORD JACKSON

Genial e audacioso policia-amador

◆ Unico rival de Sherlock Holmes ◆

A serie completa d'esta obra compõe-se dos seguintes volumes:

- |                                   |                                        |
|-----------------------------------|----------------------------------------|
| 1 Crimes no palacio Jackson       | 18 Jackson envenenado                  |
| 2 O osso d'uma perna              | 19 Ressurreição de Jackson             |
| 3 Evasão d'um malvado             | 20 Sapatos de defuncto                 |
| 4 Crimes imunes                   | 21 Lord Jackson contra Sherlock Holmes |
| 5 Calvario d'um assassino         | 22 Mulheres policia                    |
| 6 Um attentado terro ista         | 23 Um milhão de francos                |
| 7 A creança martyr                | 24 As travatas de um Yankee            |
| 8 Resgate sangrento               | 25 Coração torturado                   |
| 9 A falsa suicida                 | 26 O quarto dos orcos                  |
| 10 Um diama nas nuvens            | 27 A cubeca cortada                    |
| 11 Junto da guilhotina            | 28 O seer do corde                     |
| 12 Jackson, em poder dos bandidos | 29 Traçado pela areia                  |
| 13 O cão policia                  | 30 A derrota dos bandidos              |
| 14 O esqueleto vivo               | 31 Os mysterios de Chicago             |
| 15 Bandidos de casaca             | 32 Os vícios terro do das cadaveres    |
| 16 A rainha dos apaches           | 33 Por seguir um a mulher              |
| 17 Duas facanhas notaveis         | 34 A renuncia de Lord Jackson          |

60 cada volume — Serie completa, 2.000 rs.

LIBRO DE LEITURA

para a 4.ª classe dos Lyceus

= 1 volume illustrado 400 rs. =

JIU-JITSU

1 vol. edição de luxo com 19 bellas

◻ photographuras de pagina ◻

**600 reis**

## Colleção Artística

Publicação mensal e illustrada das mais sensacionaes novidades litterarias estrangeiras

Volumes publicados

1. Arsenio Lupin, galano da alta roda, por Maurice Leblanc (2 e 3).
2. O Homem Mysterioso, Guy de Thomand.
3. O tumulo do gelo, Pierre Giffard.
4. Arsenio Lupin contra Herlock Sholmes, Maurice Leblanc.
5. Um grito na treva, Golscothry.
6. O Prisioneiro de Marte, G. Le Poige.
7. O Club dos Ladroses, Henry A. Hering.
8. A Agulha Óca, (Novas aventuras de Arsenio Lupin) M. Leblanc.
9. O Homem sem rosto, Paul d'Ivoi.
10. A Virgem Vermelha, Pierre Giffard.
11. O Canhão do somno, Paul d'Ivoi.
12. Qual dos tres? grande romance policial.
- A. O. Green.
13. A Guerra dos vampiros, G. Le Rouge.
14. O Pirata de Ferro, Max Penkerton.
15. As tres gatinhas, sensacional romance de aventuras) Paul d'Ivoi.
16. Kowa, a mysteriosa por Ch. Foley.
17. 818. (Novas aventuras de Arsenio Lupin) por M. Leblanc.
18. Em Férias por Henri de Regnier.
19. O Palacio submarino, por Max Penkerton.
20. Um crime tenebroso, por A. Galopin.
21. A sombra mysteriosa, por Fergus Hume.

350 rs. Cada vol. in-4ª, contendo a materia de um vol. in-8ª, de 300 grossos

Novidade Litteraria

## ESCOLA DO VICIO

por Victorien du Saussay  
1 vol. com capa artistica 700 rs

LEIAM TODOS:

## O conquistador de criadas

Militante romance d'aventuras galantes.  
Um grosso volume com capa artistica e esplendidas gravuras 300

RENÉ EMERY

## S.ª Maria Magdalena

Romance dos tempos biblicos  
I A Paschoa de Formosura — II Chamamos de voluptuosidade — III Moab, terra da luxuria — IV Pela senda do amor — V Beijo supremo.  
1 eleg. vol. em 8ª com artistica capa a 8 cores 700 rs.

## COMO SE CONQUISTAM MULHERES

Conselhos a um rapaz  
1 vol. ed. de luxo, 600 rs.

## TRATADO PRATICO DE GIMNASTICA SUECA

por L. C. Kumlien.

Edição de luxo, profusamente illustrada, formando um elegante vol. in-8ª gr.

◆ ◆ ◆ 300 Rs. ◆ ◆ ◆

Dr. PEDRO GUERDER

# O MEDICO POPULAR

Como nos devemos tratar  
Como nos devemos curar

CC No titulo d'este livro, acha-se sufficientemente indicado o fim a que elle visa CC A sua leitura diminuirá a inquietação nas familias, pois as doencas deixarão de lhes apparecer sob um aspecto mysterioso que resente da falta de conhecimentos de medicina CC

Um volume 8º gr. illustrado, de 226 paginas e 1 appendice

Preço 700 rs. Elegantemente cartonado. Preço 700 rs.

## Collecção Galante Illustrada

EXPLENDIDOS ROMANCES DE AMOR

COM MÁGNIFICAS PHOTOGRATURAS

A publicação mais barata de Portugal

Volumes publicados a 300 rs.

I Memorias de uma mulher bonita, por E. Feydeau (2ª edição).—II e III Veneno dos labios, por René Emery.—IV Deus do amor, por Jean Valgore.—V Estroinices de mulher, por Jean de Merlin.—VI e VII As sacerdotizas de Mylitta, por Jane de la Vaudère.—VIII Supremo abraço, por Victorien du Saussay.—IX Flor de Volupia, por Saint-Médard.—X O peccado da baroneza, por Victor Joze.—XI Tormentas de amor, por Guy de Téramond.—XII Noites de prazer, por Victorien du Saussay.—XIII Hora propicia, por René Emery.—XIV Virgens em flor, por René Emery.—XV Voluptuosidades imperias, por Guy de Téramond.—XVI Furor amoroso, por Saint-Médard.—XVII O Harem de Syta, por Jane de la Vaudère.—XVIII Amante ideal, por Victorien du Saussay.—XIX Manobras conjugas, por Theodoro Cahu.—XX Biblia do amor, por René Emery.—XXI As mulheres dos outros, por G. de Téramond.—XXII As que escorregam, por Theodoro Cahu.—XXIII Delirios da carne (Amores de uma freira), por Victor Nadal.—XXIV Educação amorosa, por René Maizeroy.—XXV Rainhas d'Alcova, por Amadeu Boyer.—XXVI Sereia, por René Maizeroy.—XXVII As ultimas bacchantes, por Jean Gravigni.—XXVIII—O menino bonito, por Jean Valgore.—XXIX—Viuvas ardentes, por Victor Joze.—XXX—Amantes femininos, por Adrienne Saintgen.—XXXI—O conquistador de criadas, por Paul Perrin e Robert Francheville.—XXXII Os Espinhos do adulterio por Victorien du Saussay.—XXXIII Ninhos d'amor por René Schwaebli.—XXXIV Os que ellas fazem por F. Aubier.

Em preparação

XXXV—AS MANAS YACLETTE

EMPRESA LUSITANA EDITORA

Calçada do Ferregial, 23—LISBOA

## MEMORIAS D'UMA PARTEIRA

O livro mais discutido em França, onde causou enorme sensação

Um grosso volume, edição de luxo, com bella c'za artistica 600 reis

## Prazeres secretos do amor

peio dr. Jaff

1 grosso vol. ed. de luxo, 600 rs.

## Invasão Amarella

pelo capitão DANRIT

Um irresistivel movimento da raça mongolica, uma terrivel convulsão dos povos que habitam a Asia lançará dentro de poucos annos o Oriente sobre o Occidente. Pela estrada secular das antigas invasões amarellas, Chinezes e Japonезes correrão á conquista da velha Europa, ferozes e implacaveis guerreiros de Attila e Tchengis Kani Na

A Invasão Amarella a par das situações verdadeiramente empolgantes de que o auctor d'esta grandiosa obra enriqueceu o seu maravilhoso livro, fer-se tambem nella, com inexcidivel mimo, a nota sentimental, baseada n'um amor que leva aquelles que o partilham a prat car os mais audaciosos actos de heroismo.

60 rs.

contendo sempre um episodio completo

rs. 60

Numeros publicados

1 O Rei do Pacifico, 2 O Phantasma do Oriente, 3 Em S. Petersburgo, 4 Em c'z minho de ferro, 5 Sobre um vulcão, 6 Na zona interdita, 7 Anjo e demonio 8 O Campo dos Supplicios, 9 Aventuras d'um reporter, 10 Illusões peridas 11 A vaga humana 12 Amor louco 13 O espectro do passado 14 Supplicio d'um pae 15 Missão terrivel, 16 A fuga para o Caspio, 17 A batalha russa, 18 Em Moscova, 19 Morte do ultimo Hohenzollern, 20 (e ultimo) De Berlin á Paris.

## ESCOLA DO VICIO

romance realista

POR

VICTORIEU

DU SAUSSAY

Edição de luxo, n'um volume in-8º grande, 700 rs.

## A Guerra nos Ares

por G. A. WELLS

Actualmente, os romances de aventuras extraordinarias e os romances de observação, cheios de imprevisto, de situações altamente dramaticas e emocionantes, de mãos dadas com todos os rograndimentos scientificos, com todos os grandes problemas que agitam a humanidade substituem a novella sentimental, piegas, que noutra tempo fez as delicias dos nossos maiores.

O assumpto principal desta magnifica obra, resume-se na luca tremenda entre as potencias que actualmente se impõem ao mundo pela supremacia da força.

Wells, o auctor desta inconfundivel producção não descurou tambem o aspecto amoroso que to na todos os episodios palpitanes de s'ntimento e adorados do publico as personagens chamadas a desempenho a desempenho o empolgante drama os papeis mais sympathicos e os que mais falam ao coração, secas d'amor, de heroismo levado até ao sacrificio, de nobre patriotismo, de absoluta creença e de profunda fé no edial que visam.

60 reis Cada numero contendo um episodio completo reis 60

Volumes publicados

1. A vespa gigante. 2. Os derviches do deserto. 3. A armada aerea. 4. O Combate no Atlantico. 5. O ataque a Nova-York 6. A batalha aerea. 7. A luca mundial. 8. A morte do principe Karl-Albert. 9. (e ultimo) Epilogo d'uma tragedia